



# Chaplin







David Robinson

# Chaplin

Uma biografia definitiva



 novo século®  
SÃO PAULO 2012





Chaplin: *His Life & Art*

Copyright © 1985, 2001 by David Robinson

Copyright © 2012 by Novo Século

COORDENAÇÃO EDITORIAL	Equipe Novo Século
IMAGENS DA CAPA	Latinstock
DIAGRAMAÇÃO	Claudio Braghini Junior
CAPA	Adriano de Souza
TRADUÇÃO	Andrea Mariz
PREPARAÇÃO DE TEXTO	Adriano C. Monteiro
REVISÃO TÉCNICA	Marcos Soares
REVISÃO	Lívia Miranda

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Robinson, David  
Chaplin / David Robinson; [tradução Andrea Mariz]. -- Osasco, SP:  
Novo Século Editora, 2012.

1. Atores e atrizes cinematográficos – Estados Unidos – Biografia
2. Chaplin, Charlie, 1889-1977 I. Título.

11-12074

CDD-791.43028092

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Atores cinematográficos: Biografia e obra 791.430280923

2012  
IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À  
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.  
Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar – CJ 1111  
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP  
Tel. (11) 3699-7107 – Fax (11) 2321-5099  
[www.novoseculo.com.br](http://www.novoseculo.com.br)  
[atendimento@novoseculo.com.br](mailto:atendimento@novoseculo.com.br)





## Sumário

Capítulo 1: Uma infância londrina .....	7
Capítulo 2: O jovem profissional.....	47
Capítulo 3: Com o “Chefe” .....	73
Capítulo 4: No cinema.....	101
Capítulo 5: Essanay .....	133
Capítulo 6: Mutual.....	155
Capítulo 7: Desvantagens e recompensas da independência ....	223
Capítulo 8: A fuga .....	275
Capítulo 9: <i>Casamento ou luxo</i> .....	307
Capítulo 10: <i>Em busca do ouro</i> .....	339
Capítulo 11: <i>O circo</i> .....	367





Capítulo 12: <i>Luzes da cidade</i> .....	395
Capítulo 13: <i>Afastado de tudo</i> .....	427
Capítulo 14: <i>Tempos modernos</i> .....	453
Capítulo 15: <i>O grande ditador</i> .....	495
Capítulo 16: <i>Monsieur Verdoux</i> .....	521
Capítulo 17: <i>Luzes da ribalta</i> .....	561
Capítulo 18: Exílio .....	595
Capítulo 19: <i>Uma Condessa de Hong Kong</i> e os anos finais .....	635
Notas.....	663
Apêndice I - Cronologia.....	689
Apêndice II - Turnês de <i>Oito Rapazes de Lancashire</i> , 1898 – 1900 .....	725
Apêndice III - Turnês de <i>Sherlock Holmes</i> , 1903–6 .....	729
Apêndice IV - Turnês do <i>Casey's Circus</i> , 1906-7.....	735
Apêndice V - Três roteiros da Keystone .....	739
Apêndice VI - Filmografia .....	753





## Capítulo 1: Uma infância londrina

A família Chaplin viveu em Suffolk por gerações. O sobrenome sugere que eles eram descendentes dos huguenotes, que se estabeleceram em grande número em East Anglia\* a partir do final do século XVII.<sup>1</sup> Shadrach Chaplin, o tataravô de Chaplin, nasceu em 1786 e se tornou o sapateiro da vila, confeccionando botas em Great Finborough, no condado de Suffolk. Ele herdou o gosto por nomes do Antigo Testamento, então, a sua descendência parece uma árvore genealógica bíblica. Shadrach gerou Shadrach II (1814), Meshach (1817) e Abednego (1819). Shadrach II casou-se com uma mulher chamada Sophia, sete anos mais velha que ele, vinda de Tunstall, Staffordshire. Acrescentar o nome “Tunstall” como nome do meio tornou-se uma tradição da família, embora, às vezes, dependendo do pároco local, o registro virasse “Tunstill”.<sup>2</sup>

Em 1851, Shadrach foi descrito como “mestre cervejeiro”. Ele vivia em Carr Street, Ipswich,<sup>3</sup> onde estabeleceu uma estalagem — que também servia refeições — e gerenciava um abatedouro de porcos. Talvez os negócios não tenham ido bem, pois, no começo dos anos 1870, ele os abandonou e retomou o ofício do pai, de

---

\* Região da Inglaterra compreendendo Norfolk, Suffolk e partes de Essex e Cambridgeshire (N.T.).





sapateiro, confeccionando botas. Parece que ainda exercia esse ofício na época de sua morte, em 1892, quando deixou seu estoque, suas ferramentas e um espólio de 144 libras como herança para a viúva.<sup>4</sup> A pobre Sophia aproveitou muito pouco, pois morreu um dia depois do marido.

Shadrach II inevitavelmente gerou Shadrach III, mas o filho mais velho, o avô de Chaplin, nascido em 1834 ou 1835, foi chamado de Spencer, para variar. Spencer recebeu treinamento como açougueiro. É com ele que o primeiro toque de poesia entra na família, pois, em 30 de outubro de 1854, ainda menor de idade, Spencer se casou na paróquia de St. Margaret, Ipswich, com uma garota cigana de 16 anos, chamada Ellen Elizabeth Smith.<sup>5</sup> Entre as testemunhas do casamento, estava o pai da moça, analfabeto, mas ninguém da família Chaplin; talvez a família não estivesse feliz com o enlace. Ellen Elizabeth morreu em 1873, aos 35 anos de idade<sup>6</sup>, e não restaram fotografias suas. Só podemos especular ter sido ela a origem da aparência impressionante, dos cabelos muito negros e dos olhos pequenos de Chaplin.

Oito meses depois do casamento, em junho de 1855, nasce, em Ipswich<sup>7</sup>, o primeiro filho do casal, Spencer William Tunstill (*sic*). Logo depois, os Chaplins se mudaram para Londres. Spencer continuou a trabalhar como meio-oficial de açougueiro, embora, no final dos anos 1890, tenha se tornado taverneiro e proprietário do Davenport Arms, em Radnor Place, Paddington. O casal teria sete filhos. Charles, o quinto a nascer (e terceiro filho homem), nasceria em 18 de março de 1863, na Orcus Street, 22, em Marylebone.<sup>8</sup> Este viria a se tornar pai do mais famoso Charles Chaplin.

Perto do fim da vida, Chaplin recebeu de uma admiradora um velho livro de poesias que ela tinha descoberto e que trazia o registro de um prêmio escolar. O prêmio foi concedido em 1874 a Charles Chaplin, que estava no 4º ano da escola primária<sup>9</sup> em St. Mark's Schools, em Notting Hill. Os registros da escola não existem mais; portanto, não podemos descobrir mais detalhes acerca do ganhador desse prêmio para nos assegurar de que se tratava do pai de Chaplin. Entretanto, a St. Mark's Schools, na Lancaster Road, ficava apenas a cerca de uma milha dos únicos endereços que temos do avô de Charles Chaplin. Em 1874, Charles Chaplin (pai) teria entre 10 e 11 anos, idade adequada para o 4º ano do primário. Além disso, os registros dos nascimentos dos anos 1862-1864 não indicam nenhuma outra pessoa com esse nome na região. O resto das evidências parece confirmar que o diligente aluno premiado era mesmo o pai de Chaplin.

Afora esse vislumbre curto e perturbador, não se sabe nada do pai de Chaplin até seus 22 anos de idade, quando ele conheceu e se casou com a mãe de Chaplin, Hannah Hill.<sup>10</sup> Os Hill pareciam ser — se é que eram — ainda mais humildes que os Chaplins. O pai de Hannah, Charles Frederick Hill, filho de um pedreiro, nasceu em 16 de abril de 1839, no mesmo dia que seu futuro neto





famoso, porém, cinquenta anos antes. Na família, dizia-se que ele era irlandês, embora, a esse respeito, parecia sempre ter sido reforçado que era protestante. Seu ofício durante toda a vida foi o de sapateiro diarista, confeccionando botas. Considerando que um par de botas surradas se tornaria um símbolo para Charles Chaplin, é curioso observar que o ofício de fazer e remendar sapatos tenha sido uma ocupação tão comum entre seus ancestrais.

Com a entrada dos Hill em cena, a história de Chaplin se dirige a South London. Em 16 de agosto de 1861, Charles Hill (que a essa altura morava em Lambeth Walk) casou-se com Mary Ann Hodges.<sup>11</sup> Ambos já tinham sido casados anteriormente. Não há registros sobre a primeira esposa de Charles Hill, mas o casamento anterior de Mary Ann teria alguma influência sobre o jovem Charles Chaplin. Mary Ann parecia estar um degrau acima de seu segundo marido, em termos sociais; era filha de John Terry, escrevente naval. Em 15 de maio de 1854, ela contraiu núpcias com Henry Lamphee Hodges, pintor de cartazes e especialista em pinturas que imitam madeira.<sup>12</sup> No entanto, depois de quatro anos e meio, ele caiu de um ônibus e sofreu uma concussão fatal.<sup>13</sup>

Quando Mary Ann se casou com Charles Hill, levou consigo o filho de cinco anos de idade que teve com Hodges, o qual também se chamava Henry. Quatro anos mais tarde, quando moravam na Camden Street, 11, Mary Ann deu à luz uma menina, batizada Hannah Harriet Pedlingham Hill.<sup>14</sup> Em 18 de janeiro de 1870, deu à luz sua segunda filha (a tia Kate de Chaplin). Nessa época, os Hill moravam em Bronti Place, 39, em Walworth.<sup>15</sup>

O trabalho de confeccionar botas não parece ter dado estabilidade suficiente à família, pois eles se mudavam com uma frequência desconcertante, sempre nas proximidades de Lambeth ou Southwark. O censo de 1871 registrou-os na Beckway Street, 37, em Walworth. Foram descritos assim: Charles Hill, 32 anos, rebitador de botas; sua esposa, Mary Ann Hill, 32 anos, rebitadora de botas; o filho Henry, 15 anos, fabricante de botas; e as filhas Harriet (Hannah), 5 anos, e Kate, 1 ano de idade.<sup>16</sup>

Enquanto o meio-irmão, conhecido como o jovem Henry, ocupava-se com o negócio de sapatos, Hannah e Kate se tornaram moças incrivelmente atraentes. Como os teatros de variedades adoravam mostrar, as ruas de Londres eram muito perigosas para jovens donzelas, e Hannah ficou grávida. Anos depois, ela contou aos filhos que teve de fugir para a África do Sul com um rico *bookmaker* chamado Hawkes. Foi impossível, entretanto, verificar tanto a viagem quanto o Sr. Hawkes. O certo é que, em 16 de março de 1885, Hannah deu à luz um menino, que foi chamado Sidney John. O nome do pai não foi declarado nem na ocasião do registro de nascimento nem do batizado na igreja St. John, situada na Larcom Street. Todavia, Sidney John não ficaria sem pai durante muito tempo.<sup>17</sup>



1885. Marriage solemnized at St John Church in the Parish of St John, Brandon in the County of Essex

When Married.	Name and Surname.	Age.	Condition.	Rank or Profession.	Residence at time of Marriage.	Father's Name and Surname.	Rank or Profession of Father.
289 June 22 1885	Charles Chaplin Hannett Hill	22 19	Bachelor Spinster	Professional Singer	Brandon Brandon	Charles Chaplin Charles Hill	Butcher Baker

Married in the Parish Church according to the Rites and Ceremonies of the Established Church, by W. J. G. G. G. after G. J. G. G. by me,  
Charles Chaplin  
 This Marriage was witnessed between us, Hannett Hill in the Presence of us, George Bailey  
Mary Ann Hill

1885: Certidão de casamento de Charles Chaplin (pai) e Hannah Hill.

O parto aconteceu na Brandon Street, 57<sup>18</sup>, propriedade de Joseph Hodges, comerciante que, muito provavelmente, era irmão do infeliz Hodges que caiu do ônibus<sup>19</sup>. Parece provável que a jovem Hannah tenha deixado a casa paterna e buscado refúgio com o ex-cunhado da mãe. A certa altura, Charles Chaplin (pai) fixou residência na casa de Joseph Hodges e, menos de catorze semanas depois, Charles Chaplin e Hannah Hill estavam casados. Ambos informaram seu endereço na Brandon Street, 57. Uma das duas testemunhas da cerimônia na Igreja St. John foi Mary Ann Hill, mãe da noiva<sup>20</sup>.

No registro do casamento, Charles Chaplin descreveu-se como “cantor profissional”. Porém, na verdade, não há evidências de que ele já tivesse iniciado a carreira como artista do teatro de variedades à época do casamento. Sua primeira aparição, registrada pelo *The Era* — um jornal semanal da área de entretenimento, que trazia registros exaustivos sobre as apresentações teatrais — ocorreu em 1887, embora o jornal rival, *The Entr'acte and Limelight*, tenha relacionado apresentações de Hannah, em 1884.

Não há registros nem histórias familiares que expliquem a atração desses dois jovens, sem nenhuma relação anterior com o showbiz, pelo teatro. No entanto, não é de se estranhar que os teatros de variedades acenassem sedutoramente para os jovens, especialmente os bem-apegoados, mesmo que tivessem só um pouco de talento. Aquele era o início da grande era do teatro de variedades na Grã-Bretanha. Em Londres, o Alhambra (ex-Royal Panopticon) tinha se estabelecido recentemente como casa de espetáculos e o London Pavilion tinha sido elegantemente reconstruído, ao passo que o suntuoso Empire, situado na Leicester Square, foi aberto em 1887. Londres se vangloriava de ter 36 teatros de variedades de classes diversas em 1886. No resto do país, de Aberdeen a Plymouth, havia nada menos que 234 teatros com contas semanais para pagar. Só em Dublin havia nove, Liverpool tinha oito e havia seis em Birmingham. As oportunidades eram enormes, e talvez fossem ainda mais aparentes em Lambeth do que em qualquer outro canto do país. O primeiro agente musical, Ambrose Maynard, estabeleceu seus escritórios em Waterloo Road, em 1858, e pouco tempo depois se mudou para a York Road, onde logo começaram a pipocar empresas concorrentes. A York Road leva a Westminster



Bridge Road, onde ficavam os teatros de Canterbury e Gatti. Seguindo pela Westminster Bridge Road, chegamos à Kennington Road, onde existe uma sequência de *pubs*: The Three Stags, The White Horse, The Tankard e, principalmente, o The Horns, locais prediletos dos profissionais do teatro de variedades. Muitos artistas moravam em Kennington, embora os mais bem-sucedidos preferissem Brixton, um pouco mais elegante, imediatamente ao sul. Não há dúvida de que Charles e Hannah Chaplin ficaram tão fascinados pelo glamour da elite dos teatros de variedades, em suas reuniões aos domingos de manhã nos *pubs* de Kennington, quanto seu próprio filho ficaria quinze anos depois.

É evidente que tanto Hannah quanto Charles tinham talento. Chaplin era um avaliador astuto de talentos, e sua descrição das aptidões de observação e imitação de sua mãe, certamente, não foram motivadas apenas pela emoção. Hannah pode, simplesmente, não ter tido sorte; talvez seu talento particular não estivesse em consonância com a época. A carreira dela não foi brilhante e também foi curta. Suas apresentações registradas aconteceram em pequenos teatros provincianos, sem destaque, ou “entre os vinhos e as bebidas”, como se dizia naquela época, em que as casas de espetáculos também eram bares e cujo programa trazia impresso o preço dos lanches, logo depois dos nomes dos artistas. Mesmo assim, a breve carreira de Hannah como artista do teatro de variedades foi suficiente para fornecer lembranças glamourosas, que estimularam a imaginação de seus adorados filhos nos anos seguintes.

Naquela época, iniciantes como Hannah e Charles teriam conseguido sua primeira experiência com plateias em apresentações informais de uma noite, em *pubs* e nos *free-and-easies*\* que ofereciam entretenimento aos clientes. As primeiras apresentações de Hannah registradas até hoje ocorreram entre 24 e 31 de maio de 1884, no Bijou Music Hall, na Blackfriars Road, com 150 lugares.<sup>21</sup> Na semana de 25 de novembro de 1884, ela se apresentou no *pub* Castle House, em Camberwell Road<sup>22</sup>. Um ano depois, já conseguia empregos melhores e, no final de 1885, estava cantando no The Star, em Dublin. A essa altura já tinha conseguido um agente, Frank Albert e, no começo do ano seguinte, já estava animada o bastante para colocar seu “anúncio profissional” no *The Era*. Esses “anúncios” têm sido uma característica quase imutável dos jornais britânicos da área teatral por mais de um século; serviam para anunciar o sucesso de um artista, a disponibilidade ou mesmo sua mera existência.

Na época em que Hannah publicou seu primeiro anúncio, em 2 de janeiro de 1886, aparentemente, havia dúvidas sobre a grafia de seu nome artístico. No primeiro anúncio lia-se:

---

\* Os *free-and-easy* eram um tipo de clube ou agremiação, cujos membros se reuniam em cafés ou tabernas para realizar debates políticos. Também havia apresentações artísticas destinadas ao entretenimento. (N.T.)





That Charming little Chanter.  
**L I L L I E H A R L E Y,**  
 just finished a most successful Engagement Star,  
 Dublin. Now appearing with great success in BELFAST.  
 Agent, Frank Albert.

Mas, no anúncio da semana seguinte, lia-se:

New Song, "He might have sent on the gloves," J. Bowess.  
**L I L L I E H A R L E Y,**  
 just finished, grand success Nightly, Star, Dublin, and  
 Buffalo, Belfast. SCOTIA, GLASGOW, Monday next.  
 Booking dates fast. Sole Agent, Frank Albert.

Na outra semana, o nome artístico de Hannah apareceu em sua forma definitiva:

A talentosa e refinada artista  
 LILY HARLEY  
 É elogiada por proprietários, pelo público e pela imprensa.  
 Vários jornais publicam notícias toda semana  
 Aplaudindo o sucesso de *Scotia Glasgow*  
 Precisa-se de algumas canções. Agente: F. Albert.

Talvez eles estivessem precisando de algo mais que “algumas canções”, porque, logo depois, o anúncio de Lily Harley sumiu dos jornais durante semanas e suas apresentações parecem ter ficado esporádicas. Na segunda-feira de Páscoa, em abril de 1886, ela apareceu modestamente em uma companhia chamada “Monster”, no Peckham Theatre of Varieties. Em 27 de maio de 1886, ela apareceu novamente em um concerto em benefício de William Bishop, no South London Palace, outra vez como “Srta. Lily Harley”<sup>23</sup>. Nessa ocasião, ela aparecia bem no fim dos créditos, em um show cujas estrelas eram Vesta Tilley, The Great Vance e Chirgwin. Contudo, abaixo de Lily, bem no final dos créditos, também aparecia a jovem de 16 anos, Marie Lloyd, que estava destinada a se tornar uma das maiores estrelas do teatro de variedades britânico. No outono, houve várias apresentações do espetáculo *Lily Harley – The Essence of Refinement*, no M’Farland’s Music Hall, em Aberdeen, M’Farland’s, Dundee e no The Folly, em Glasgow. Depois disso e de um breve período em que ela publicou seus anúncios no *Entr’act*, em vez do *The Era* (“quatro ou cinco apresentações por noite, recebendo muitas flores”), tanto os anúncios quanto os registros de suas apresentações cessaram<sup>24</sup>.

O desapontamento de Hannah com a carreira deve ter sido agravado ao ver o sucesso de uma amiga, “a eletrizante” Eva Lester, com quem ela compartilhou brevemente um agente. Chamada de “a rainha da Califórnia” e “a rainha inglesa da canção”, Eva tinha a impetuosidade que faltava a Hannah. Ao falar de uma



apresentação dela no Metropolitan, em setembro de 1886, o *The Era* a descreve como: “uma das mais belas e fascinantes cantoras e atrizes tragicômicas que temos. Com uma caracterização masculina, ela conquistou aplausos da plateia por sua audácia...”. Em sua autobiografia, Chaplin se lembra de como ele e a mãe a encontraram na rua — doente, suja, pobre, abandonada e com a cabeça rapada — talvez uns doze anos depois, quando eles mesmos estavam enfrentando tempos difíceis. O jovem Chaplin ficou horrorizado e envergonhado de ser visto na companhia dela, mas Hannah a acolheu por uma noite e a limpou, cuidando dela.

**SOUTH LONDON PALACE**  
LONDON ROAD, S.E.  
Proprietors... FOLEY & ULPH, Jun

MR. WILLIAM  
**BISHOP'S**  
COMPLIMENTARY  
**BENEFIT CONCERT**  
WILL TAKE PLACE, ON  
**THURSDAY, MAY 27th, 1886.**

The following Powerful Array of Talent will appear  
**VESTA TILLEY**, London Idol.  
**Great VANCE** · **T. W. BARRETT**  
 Brothers Horne and Nelly Clairette  
**Jessie ACTON** Hiram **TRAVERS**  
 Miss Pattie Heywood. **TOM BASS.**  
 Wm. Jas Strip and James Stephens.  
 Yank-hoe & Ormens Scully & Morrell.  
**MEDLEY** · **SLADE MURRAY**  
 Walter Blount and Sadlier.  
 Fred Harrington. Miss Lottie Dittmar  
 Miss Lilly Harley: Miss Bertie Stokes  
**EDGAR GRANVILLE**  
 Miss Birdie Brightling The Sisters Bilton  
 Masters Courtney & Cross.  
 Mr. **WALTER JOYCE** F. W. Stephens  
**CHIRGWIN.**  
 Alex. Gerard. Geo Vokes W. F. Moss  
**FELICE NAPOLI**, Italian Hercules.

**CAPTAIN FOWLER,**  
 Champion Stage Shot of the World as depicted by Miss Nelly Trezell.

**LIEUT. WALTER COLE.**  
 Maud & Charley Ross McCall Chambers  
 Marie Lloyd, George Ripon.

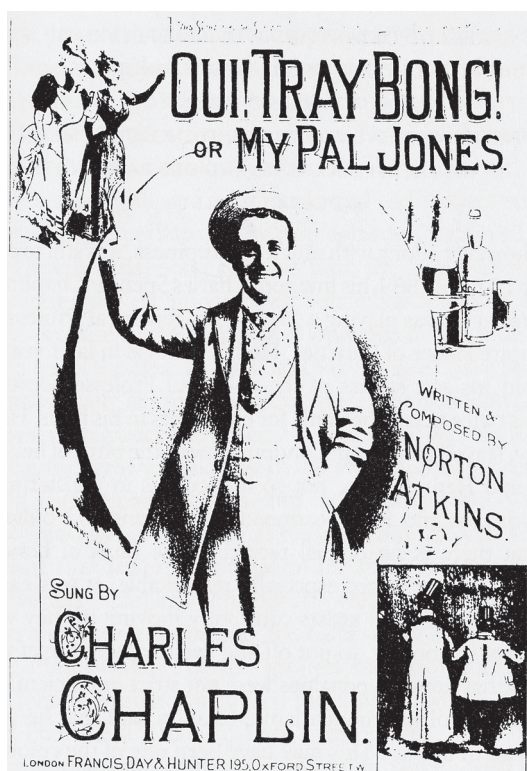
The Chair will be taken by several Influential Gentlemen including  
 BROS. COLUMBY

Private Boxes, 1 & 2 Guineas, Reserved Seats, 3s. Stalls, 1s. 6d.  
 Gallery, 1s. Hall, 6d. Gallery, 3d. Open at 7. Commence at 7.15.

Manager - - - Mr. Harry Ulph, Jun.

1886 – Folheto de um concerto beneficente no South London Palace, incluindo a “Srta. Lily Harley”.

A carreira de Charles Chaplin (pai) começou mais tarde, mas teve um desenvolvimento mais promissor. Sua segunda apresentação registrada foi no Folly Variety Theatre, em Manchester, em 20 de junho de 1887. Hannah também cantou lá na mesma semana — a única vez que se tem notícia de que o casal se apresentou no mesmo show.<sup>25</sup> Inicialmente, ele se apresentava como mímico, porém, logo se tornou o que, naquela época, era descrito como “cantor dramático e descritivo”, exercendo uma forte atração sobre a plateia. Ele era um homem de aparência agradável, sem muita semelhança física com o filho. Charles o descreveu como um homem calmo, contemplativo, com olhos negros, e disse que Hannah o achava parecido com Napoleão. Os retratos que aparecem nas partituras de suas canções de sucesso mostram-no com olhos negros, que parecem um pouco melancólicos apesar do largo sorriso “encenado”.



1893 – Capa ilustrada de uma partitura, com o retrato de Charles Chaplin (pai).

Charles cantava usando o personagem de um galanteador, um homem urbano “descolado”, ou então como um pai ou marido comuns, atormentado por problemas que sua plateia conhecia bem, como sogras, senhorias que querem ser pagas, esposas queixosas e bebês chorando. O sinal mais claro de seu sucesso é que,



entre 1890 e 1896, os editores de música Francis, Day e Hunter publicaram muitas de suas populares canções, com o seu retrato em destaque na capa. Os editores só concediam essa honra a artistas que eles acreditavam ter uma reputação que ajudasse a vender mais. Esses foram os melhores anos da carreira de Chaplin (pai). Ele foi um astro, mesmo sem ter alcançado o nível de sucesso de contemporâneos como Herbert Campbell, Dan Leno, Arthur Roberts, Charles Coborn ou Charles Godfrey (com quem, dizia-se, Charles se parecia muito). Em 1898, final de sua carreira, ele figuraria como astro (com os filmes de “Beograph” [sic]) no New Empire Palace Theatre of Varieties, em Leicester:

O retorno muito aguardado e bem-vindo de  
um dos grandes favoritos de Leicester,  
o Sr. Charles Chaplin  
estrelando como cantor e comediante  
seus recentes sucessos e o predileto do público, o espetáculo *Dear Old Pals*\*

Tudo isso, entretanto, ainda estava por vir, atrelado a muita infelicidade, quando Charles Spencer Chaplin, seu primeiro filho, nasceu, em 16 de abril de 1889. Nessa época, ele tinha um contrato semanal com o “Professor” Leotard Bosco, proprietário do Empire Palace of Varieties, em Hull<sup>26</sup>. Talvez anos depois o pai tenha contado ao filho histórias sobre o pitoresco Professor Bosco, porque Chaplin, por duas vezes, deu o nome dele aos seus personagens. Supõe-se que Hannah estivesse recolhida em casa aguardando o nascimento do filho.

Charles e Hannah não foram muito cuidadosos no registro de nascimento de Charles, como fizeram com Sydney. Isso atormentou durante décadas os historiadores e biógrafos do mais famoso londrino. Mas o fato não é especialmente significativo. Era bem fácil adiar e depois acabar se esquecendo desse tipo de formalidade, particularmente para os artistas do teatro de variedades, que viviam se mudando de cidade (se tivessem sorte). Naquele tempo, as multas não eram tão rigorosas e tampouco cumpridas à risca. Quando começou a gozar de alguma fama no cinema, Chaplin declarou que tinha nascido em Fountainebleau, na França. Essa bem pode ter sido uma das histórias pitorescas que, ao que parece, Hannah costumava inventar para deixar mais “interessante” a vida dos filhos. Mais tarde, Chaplin parecia estar certo de ter nascido em East Lane, Walworth<sup>27</sup>, perto da esquina da Brandon Street, onde nasceu seu irmão Sydney.

Referir-se a essa rua como “East Lane”, como Chaplin faz, é uma marca distintiva de um habitante local de Walworth. Até a metade do século XIX, o trecho da rua que ia da Old Kent Road até a Flint Street era chamado pelos locais

---

\* Grandes velhos amigos (N.T.).





de East Lane, enquanto a outra parte da rua, da Flint Street até a Walworth Road, era chamada de East Street. Embora a rua tenha sido oficialmente rebatizada como East Street, os moradores locais, como Chaplin, continuaram a chamá-la de “East Lane”. Para os londrinos, uma rua que tem um mercado é sempre uma “Lane” (como a Petticoat Lane, do outro lado do rio). O mercado da East Lane floresce hoje com o mesmo vigor que tinha na infância de Chaplin. Por alguma razão, os comerciantes da East Lane parecem ter uma forte tendência para o drama, e as comidas feitas lá apresentam maior variedade e são mais temperadas ou picantes do que em qualquer outro mercado de Londres. Quase nada restou da época em que Charles era menino, com exceção de uma ou duas lojas barulhentas no final da parte ocidental da rua e o The Mason’s Arms, um edifício cujo exagero teatral devia ser estimulante para um garoto pequeno. Mesmo assim, as cores e a vitalidade, a confusão de frutas, peixes, música pop e roupas antigas talvez ainda evoquem uma atmosfera semelhante à Londres da época de Chaplin.

Chaplin se recordava que, após seu nascimento, a família se mudara para acomodações muito mais elegantes na West Square. Essa rua, de algum modo, sobreviveu à destruição das pequenas ruas e da vida comunitária da região, causada pelo insensível desenvolvimento urbano. Em 1890, como hoje, o lugar deve ter sido um estranho oásis, situado em uma região constantemente desprezada: um elegante quarteirão no estilo georgiano, com casas altas de tijolos e jardins ao centro. A mudança foi possível graças ao sucesso crescente de Charles Chaplin (pai). Nos meses subsequentes ao nascimento do filho, ele estava conseguindo apresentações regulares e, durante os anos 1890-1891, os editores de partituras Francis, Day e Hunter o consideravam tão promissor que publicaram, nada menos, que três partituras de suas canções: *As the Church Bells Chime*, *Everyday Life* e *Eh, boys?* Essa última escrita por John P. Harrington e George Le Brunn, os “Gilbert e Sullivan” do teatro de variedades, que escreveram a maioria dos sucessos de Marie Lloyd, incluindo *Oh, Mr. Porter*. Um editor rival publicou outras duas músicas de Chaplin (pai): *The girl was young and pretty* e *Pals that time cannot alter*.

O retrato que aparece na capa da partitura de *Eh, boys?*, mostrando o cantor com um chapéu de seda, sobrecasaca e uma desmazelada gravata borboleta cor de laranja, apresenta uma semelhança entre o Chaplin mais velho e o mais novo. Um dos versos, ilustrado na capa com uma *vignette* cômica, refere-se de forma agourenta aos problemas domésticos reais da família Chaplin:

Quando você é casado e vem para casa tarde,  
Muito tarde — e bêbado,  
A querida esposa diz: “Oh! Então você *chegou!*”,  
Aí, ela lhe dá as costas,  
Só lhe responde com sim ou não,





Até que, de repente,  
Ela atíça o fogo, quase furiosamente,  
E depois distribui palmadas nas crianças.

REFRÃO

Todo mundo sabe o que isso quer dizer — *Eh, boys? Eh?*  
Todo mundo sabe o que isso quer dizer — *Eh, boys? Eh?*  
Primeiro, ela ralha com você,  
Depois lhe joga alguma coisa em cima,  
Todo mundo sabe o que isso quer dizer — é só o jeitinho  
brincalhão dela!

O alcoolismo era uma doença endêmica no teatro de variedades, que se desenvolvera em estabelecimentos nos quais se serviam bebidas, e a venda de álcool ainda era uma parte importante do pagamento dos gerentes. Quando não estavam no palco, esperava-se que os artistas se misturassem ao público nos bares, encorajando o convívio alegre e o consumo — o que, inevitavelmente, era mais bem alcançado pelo exemplo. O pobre Chaplin foi só um dos muitos que sucumbiram ao alcoolismo como risco colateral do trabalho.

Entretanto, em 1890 ele ainda estava conseguindo um sucesso atrás do outro. No verão, foi convidado para uma turnê pelos Estados Unidos, e em agosto e setembro se apresentou em Nova York, no Union Square Theatre<sup>28</sup>. A estada parece ter sido agradável e amigável. A tia de Charles, Elizabeth, tinha se casado com um tal Sr. Wiggins e vivia em Nova York. Por intermédio dela, ele conheceu e fez amizade com o Dr. Charles Horatio Shepherd, dentista, e sua esposa. Vinte e cinco anos depois, o Dr. Shepherd se recordaria: “Passamos horas agradáveis juntos”<sup>29</sup>.

J. P. Harrington, compositor, lembra-se de um incidente ocorrido logo antes da partida de Chaplin para a América:

Um de nossos primeiros clientes foi Charles Chaplin, pai do famoso astro de cinema, Chaplin. Ele era um cantor bom e correto, ao estilo de Charles Godfrey, embora não tivesse, logicamente, o mesmo maravilhoso talento e a versatilidade deste. Escrevemos a maioria das canções de Charlie durante um período considerável. Na verdade, houve uma época em que as três canções que ele cantava no show tinham saído de nossa pena.

Com relação a isso, lembro-me de um incidente que é muito mais engraçado agora do que foi na época. Tínhamos uma reunião com o Sr. David Day, chefe da Francis, Day e Hunter (os editores de partituras), para a audição dessas três músicas, com o objetivo de publicá-las. Chegamos ao escritório deles, Chaplin, eu e Le Brunn. George tocou as canções e





Charles cantou. David adorou as três. O talão de cheques, então, apareceu em cena.

— Quais os termos? O de sempre, eu suponho?

O trio logicamente respondeu em coro:

— Certamente, Sr. Day.

O talão de cheques é aberto, ele pega uma caneta. Então, George Le Brunn, ansioso para enfeitar um pouco as coisas, diz:

— Sabe, Sr. Day, ele vai cantar todas essas músicas nos Estados Unidos!

A caneta paira suspensa no ar.

— Ah!, É verdade? E quando o senhor vai para os Estados Unidos, Sr. Chaplin?

— Daqui a duas semanas. — respondeu Charlie.

— E quanto tempo ficará?

— Quatro meses.

Então... Pum! O talão de cheques voltou para o seu ninho na gaveta e a caneta foi cuidadosamente colocada sobre a mesa. E o Sr. Day arrematou:

— Venham me ver novamente quando voltarem dos Estados Unidos. Não há qualquer utilidade em publicar essas músicas enquanto você as estiver cantando do outro lado do Atlântico!

As coisas que eu e Charlie Chaplin dissemos a George Le Brunn quando saímos do escritório não ficariam bem nessa narrativa verídica.<sup>30</sup>

A viagem à América, contudo, parece ter marcado o colapso do casamento de Charlie.<sup>31</sup> O censo de 1891 o mostra morando com um artista do teatro de variedades, Albert West, e sua esposa, Anne, descrita como autora e compositora, na Albert Street, 38. Hannah e os dois filhos moravam na Barlow Street, na companhia da mãe dela, então com 65 anos de idade e descrita de maneira eufêmica como “camareira de teatro”. As dificuldades podem ter surgido das novas amizades que Hannah fizera durante a ausência de Charlie. No outono de 1891, ela certamente tinha um novo amigo, outro cantor do teatro de variedades, que, ao longo dos anos, apareceu frequentemente nos mesmos folhetos que Charles Chaplin<sup>32</sup>.

Leo Dryden, cujo nome verdadeiro era George Dryden Wheeler, nasceu em Limehouse, Londres, em 6 de junho de 1863. Ele havia começado a carreira em 1881, mas não tivera muito sucesso até que Jenny Hill, uma das maiores estrelas do teatro de variedades vitoriano, pôde notá-lo e apresentá-lo a seu próprio agente, Hugh Didcott. Daí em diante, a carreira dele prosperou. Seu maior sucesso aconteceu em 1891, quando apresentou a canção romântica *The Miner's Dream of Home*,





retratando a nostalgia de um emigrante nas minas australianas. Daí para frente, Dryden, com seu rosto anguloso e bonitão, estabeleceu-se como o menestrel da Inglaterra, do Império e do patriotismo. Suas últimas canções incluíam *The Miner's Return*, *India's Reply*, *Bravo, Dublin Fusiliers*, *Freedom and Japan*, *The Great White Mother*, *The Only Way* e *Love and Duty*. Lamentavelmente, a nobreza estoica dos personagens que ele apresentava no palco não parecia ter afetado sua vida particular. Ele era errático e dado à violência. Dizia-se que dera trabalho a cada uma de suas três esposas. Em 1919, aborrecido porque sua estrela parecia estar se apagando, tentou conseguir notoriedade cantando suas músicas nas ruas.

Em outubro de 1891, ele se juntou ao Cambridge, um grande teatro em Shoreditch. O sucesso de *The Miner's Dream of Home* obrigou a gerência a estender a temporada, semana após semana, até o Natal. Foi durante essa estada de doze semanas em Londres que ele teve um caso com Hannah Chaplin. Temos uma evidência cômica do namoro. Conforme obtia mais sucesso, Dryden inseria toques extravagantes em seus anúncios nos jornais. Um exemplo típico é este:

**M R. L E O D R Y D E N,**  
 "Love and Duty," Published by Maynard.  
 "Struck 'le." "Struck 'le." "Struck 'le" again.  
 "Love and Duty," the Premier Descriptive Song, but  
 I have "Struck 'le" with a Song that will be the Song,  
 a Song that will be sung in every home,  
 where the "Mother Tongue" is spoken.  
 On Tuesday, Oct. 20th, I produced at the Cambridge  
 "The Miner's Dream."  
 Written and Composed by Will Godwin and L. D.  
 I was to have finished on the following Saturday, but directly  
 Mr E. Page the Manager, saw and heard  
 "The Miner's Dream,"  
 he immediately rescinded the Notice, and made arrangements  
 for me to stay on, and took me from 8.10 Turn and put me  
 "Star Turn" 10.20. Such facts speak volumes.  
 On Monday next I produce "The Miner's Dream" at the  
 FORESTERS, with Special Scenery and Effects.  
 Managers are cordially invited to see and hear  
 "The Miner's Dream."  
 ALHAMBRA (Second Week) . . . . 8.20  
 FORESTERS (Second Week) . . . . 9.20  
 CAMBRIDGE (Fifth Week) . . . . 10.20  
 Messrs Francis, Day, and Hunter have Paid the Highest  
 Price they have ever paid for any Song for  
 "The Miner's Dream of Home."  
 Owing to certain unprincipled Artists (?) taking mean  
 advantage of my knowledge of the Law of Copyright, the Song  
 I reconstructed and made so Popular in Birmingham, Liver-  
 pool, Birkenhead, Newcastle, and Sunderland, I have entirely  
 discarded  
 Remember, it was the Singer, not the Song.  
 "The Miner's Dream."  
 is both Singer and Song, and will eclipse all previous produc-  
 tions. I shall shortly produce a Descriptive Monologue,  
 in Three Scenes, entitled "Hard Times,"  
 in which I shall introduce the success of success,  
 "The Miner's Dream,"  
 which will ensure the success of the Monologue.  
 Representatives, Messrs Healy and Cooke.

Era com esse tipo de anúncio que Dryden afirmava agressivamente seus direitos sobre suas canções, oferecendo licenças para apresentações fora de Londres e ameaçando processar qualquer um que infringisse seus direitos. No entanto, em novembro de 1891, foi feito um anúncio excepcional, que contém um toque romântico (para aqueles que conseguem reconhecê-lo).

Em resposta às muitas cartas recebidas, informo às senhoras que me escreveram que pretendo manter o direito para representação em





Londres. No caso de *Opportunity*, os artistas que desejam assegurar os direitos de pantomima (£ 1,01) devem me solicitar.

Os direitos para representação em Middlesbrough foram adquiridos pela Senhorita Kittie Fairdale. Nenhum outro artista tem permissão para cantar a canção acima referida, excetuando-se as Srtas. Katie Fairdale e Lillie Harley.

Pede-se aos proprietários e gerentes de teatros que cumpram essa disposição.

A Srta. Kittie Fairdale pode ter pagado a sua parte. No entanto, a Srta. Lily Harley — Hannah Chaplin — presumivelmente não pagou nem chegou a aproveitar a vantagem, já que, aparentemente, não houve agendamentos para que ela pudesse cantar *Opportunity*. Mesmo assim, o anúncio deve tê-la tornado vulnerável. Essa era a primeira vez, em cinco anos, que seu nome aparecia na imprensa da área, e agora relacionado ao astro do momento. Dryden tinha 30 anos e era bonito, e o apelo do seu anúncio deve ter sido irresistível. Talvez a ligação com Dryden tenha atizado Hannah a uma nova fase de atividade artística, relacionada às futuras habilidades musicais do filho mais novo. Em 14 de junho de 1895, período que coincide com os piores dias de Hannah, o *The Era* relatou em suas páginas:

A Srta. Lily Harley nos escreveu dizendo que o Sr. Charles Brighten não é o autor original da canção *My Lady Friend*. Ela diz que escreveu uma canção com esse título três anos atrás e que a música foi cantada com sucesso pela Srta. Kittie Fairdale no Royal, em Holborn.

A publicidade de Dryden no *Encore* apareceu numa sexta-feira, 28 de novembro de 1891. Nove meses e três dias depois, Hannah deu à luz o filho de Leo Dryden, que recebeu o nome do pai: George Dryden Wheeler.

Agora, o jovem Charles Chaplin não tinha mais pai, mas tinha outro meio-irmão. Ele estava com dois anos e meio, e Sydney com seis. Em sua autobiografia, ele se recorda que, nessa época, as crianças e a mãe ainda viviam com alguma fartura. Ele atribuiu a causa disso ao trabalho da mãe no palco, e lembra-se dela colocando os dois meninos na cama, deixando-os aos cuidados de uma empregada enquanto ia para o teatro. Como não há registros indicando que Hannah tenha trabalhado nesse período, e como os pagamentos de Charles para o sustento dos filhos cessaram logo, só podemos supor que Leo Dryden era a origem dessa prosperidade temporária. Os arranjos domésticos entre Leo e Hannah não são claros. Anos mais tarde, o filho deles — que adotou o nome artístico de Wheeler Dryden — disse que, de acordo com informações dadas pelo pai, “eles viveram como marido e mulher por um ou dois anos”<sup>33</sup>, mas nem Chaplin nem Sydney se lembram de Leo Dryden.<sup>34</sup>





O conforto que abrigou os primeiros três ou quatro anos da vida de Chaplin ia acabar logo. A ligação de Hannah com Leo não sobreviveu ao nascimento do filho deles. Parece que Hannah era uma mãe devotada, apaixonada e protetora, e que amou seu novo bebê tão loucamente quanto amava os filhos mais velhos. Sabendo disso, fica fácil entender o choque que ela deve ter sofrido na primavera de 1893, quando o temível Dryden entrou em sua casa e lhe arrebatou o filho de seis meses. O bebê sumiria da vida dos Chaplins por quase trinta anos.

A pobre Hannah só queria ser Lily Harley e sonhar com o glamour do palco. Mas agora sua vida tinha se transformado em um pesadelo. Outros problemas surgiram depois que o bebê foi tomado dela. Sua mãe, a avó de Chaplin, aparentemente tinha abandonado o avô. A tradição familiar diz que ela pegou o marido em uma situação comprometedoras com outro homem. Desde a separação, ela ia de mal a pior. Começara a beber muito e se sustentava vendendo roupas velhas. Ela se tornou cada vez mais excêntrica, e nas comunidades provincianas de Lambeth e Southwark isso deve ter sido um grande estorvo para a sua família. Eventualmente, em fevereiro de 1893, foi recolhida das ruas e encaminhada para a Newington Workhouse\*, e dali foi transferida para um hospital.

Os médicos se lembram: “Ela era incoerente. Dizia que via besouros, ratos, camundongos e outras coisas no local. Achava que os médicos do hospital tentavam envenená-la. Falava coisas sem sentido e se contradizia com frequência”.<sup>35</sup> Depois de alguns dias, ela ficou “mais barulhenta e problemática” e, em 23 de fevereiro, foi declarada louca e enviada ao London County Asylum, em Banstead<sup>36</sup>. O Dr. Williams, que assinou a certidão, ainda a encontrou imaginando ratos, camundongos e besouros em sua cama. Ele notou que a condição dela vinha piorando há vários meses e atribuiu sua loucura à bebida e à preocupação. Naqueles dias, o gim barato era um perigo por si mesmo. Mary Ann tinha, então, 54 anos. Seu marido foi obrigado a pagar quatro xelins por semana para custear a estada dela.

A decadência da mãe deve ter sido aterradora para Hannah, mesmo que ela não soubesse o que o próprio destino lhe reservava. Ainda assim, parece que conseguiu manter os meninos afastados da catástrofe, coisa difícil de fazer em meio à intimidade bisbilhoteira das ruas de Lambeth. Chaplin só se lembrava da avó “como uma senhora idosa pequena e vivaz, que sempre o cumprimentava expansivamente usando fala infantil, de bebê”. Mary Ann sobreviveu ainda mais dois anos no asilo de Banstead.

Hannah estava, então, por sua própria conta. Leo tinha saído de sua vida e, aparentemente, Charles contribuía pouco ou nada com o sustento dos filhos. Chaplin lembrava-se de que ela ganhava algum dinheiro cuidando de crianças e fazendo vestidos para os colegas da Christ Church, situada na Westminster Bridge Road: ela

---

\* *Workhouse*: asilo ou albergue para pobres (N.T.).





havia se voltado para a religião, buscando algum tipo de conforto espiritual. Também parece que tentou refazer a carreira. Escrevendo a autobiografia, Chaplin geralmente é bastante preciso ao relatar eventos em que esteve envolvido pessoalmente, então, não há muita razão para questionar sua versão sobre a primeira aparição dele no palco, em torno de 1894. Hannah tinha conseguido um contrato em Canteen, Aldershot. Sua saúde já tinha começado a se deteriorar e durante a apresentação a voz falhou. O público de Aldershot — soldados, em sua maioria — foi notoriamente duro e se tornou hostil. Quando Hannah saiu do palco, o gerente, que tinha visto o pequeno Charlie dar cambalhotas para entreter os amigos de Hannah nos bastidores, arrastou-o a uma apresentação improvisada para substituir a mãe. Imperturbável, a criança cantou uma música, *'E Dunno Where 'E Are*, com a qual o comediante andarilho Gus Elen fizera sucesso, em 1893. A canção descrevia o desalento de seus antigos colegas com um marinheiro que tinha recebido uma herança:

*Since Jack Jones come into a little bit of splosh,  
Why 'E Dunno where 'E Are!\**

A performance foi um grande sucesso e, para o deleite de Charlie, o público começou a atirar dinheiro na direção do palco. Seu senso para os negócios nasceu nessa noite: ele anunciou que voltaria a cantar logo depois de recolher as moedas. Isso produziu uma excitação ainda maior no público, e ainda mais moedas, e Chaplin continuou cantando, dançando e fazendo imitações, até que a mãe o levou, carregando-o debaixo de suas asas. Na autobiografia, ele observa que essa noite marcou sua primeira aparição no palco e a última da mãe, mas essa declaração não é muito precisa (a não ser que ele tenha se enganado sobre sua idade nessa época), pois, no livro *My Life*, publicado posteriormente, ele mostra um folheto de uma apresentação única de “Srta. Lily Chaplin, Serio e Dancer”, no Hatcham Liberal Club, em 8 de fevereiro de 1896.

A situação financeira de Hannah devia ser desesperadora, mas os filhos se lembrariam menos das privações e mais vividamente de seus esforços para trazer alegria e pequenos prazeres às suas vidas: os divertidos cafés da manhã semanais com arenque defumado e um dia inesquecível em Southend, depois que Sydney providencialmente encontrou uma bolsa com sete guinéus dentro e sem possibilidade de identificação do dono. Quando estava bem, Hannah era constantemente uma companhia divertida. Ela podia cantar e dançar seus antigos números do teatro e representar peças para eles. Na velhice, Chaplin ainda se lembrava da emoção causada pela representação que a mãe fizera da crucificação e de Cristo como fonte de amor, piedade e humanidade.

---

\* “Desde que Jack Jones ganhou uns vinténs/bem, eu não sei onde ele se meteu!” (N.T.)





Os teatros de variedades podem não ter apreciado seus talentos, mas ela tinha o melhor público nos jovens filhos. Não há dúvida de que ela era talentosa e — consciente ou inconscientemente — dedicou-se a cultivar os talentos inatos que os dois filhos pareciam ter. Em 1918, Chaplin se lembrava:

Se não fosse por minha mãe, duvido que pudesse ter feito sucesso na pantomima. Ela era uma das melhores artistas da pantomima que eu já vi. Podia ficar sentada na janela por horas, olhando as pessoas na rua e ilustrando o que via com as mãos, olhos e expressão facial. E o tempo todo ela disparava rajadas de comentários, uma observação atrás da outra. E foi assistindo a minha mãe e a ouvindo que aprendi não só como expressar as emoções com as mãos e com o rosto, mas também a observar e a estudar as pessoas.

Ela era quase fantástica em suas observações. Por exemplo, se visse Bill Smith descendo a rua pela manhã, eu a ouviria dizer: “Lá vai Bill Smith. Ele está arrastando os pés e seus sapatos foram lustrados. Ele parece bravo, e aposto que brigou com a mulher e saiu sem tomar o café da manhã. Com certeza! Lá vai ele na padaria tomar um café e comer um pãozinho!”

Naquele mesmo dia, eu inevitavelmente ficaria sabendo que Bill Smith tinha brigado com a mulher.<sup>37</sup>

Ele prestou uma homenagem tocante à mãe em uma declaração anterior à imprensa, uma “autobiografia” publicada pela *Photoplay* em 1915: “Parece-me que minha mãe foi a mulher mais esplêndida que conheci... Conheci muitas pessoas andando pelo mundo, mas nunca uma mulher mais refinada que minha mãe. Se alcancei alguma coisa na vida, devo isso a ela”.

Logo depois do sexto aniversário de Charlie, a situação da família entrou em crise. Hannah ficou doente — a enfermidade não é certa, mas Chaplin se lembra de que ela tinha fortes dores de cabeça. Em 29 de junho de 1895, ela foi admitida na Lambeth Infirmary, onde ficou até o fim de julho. Em 1º de julho, Sydney foi levado para a Lambeth Workhouse.<sup>38</sup> Quatro dias depois, ele foi colocado na West Norwood Schools, que acolhia as crianças pobres de Lambeth. Considerando a Lei dos Pobres, Norwood era bom o bastante. Ficava na descida de uma colina, com jardins gramados à frente, nas cercanias de Croydon e Streatham, que naquela época ainda eram áreas rurais. O edifício, onde Sydney dividia o dormitório com outros 35 meninos com idades entre nove e dezesseis anos, tinha sido construído somente dez anos antes. Havia uma piscina aquecida com caldeiras a vapor, e as crianças não usavam uniformes. Embaixo de cada cama havia um cesto de vime no qual as crianças podiam guardar suas roupas durante a noite. Cada criança tinha





sua própria toalha, escova e pente, mas uma inspeção realizada um ou dois anos depois da estada de Sydney verificou que “somente alguns deles receberam escovas de dentes”. Sydney ficou em Norwood até 17 de setembro. Ele teve sorte em não continuar lá depois do outono, pois os inspetores estavam seriamente preocupados com a inadequação do aquecimento do local. Estranhamente, quando Sydney foi dispensado, deixaram-no aos cuidados do padrasto, então, talvez Hannah ainda não tivesse se recuperado o bastante para tomar conta dos garotos.<sup>39</sup>

No caso de Charlie, os Hodges — com quem ele tinha relação por causa do primeiro casamento da avó (Hill) — vieram em seu socorro e ele foi alojado na York Road, 164, junto com John George Hodges, filho de Joseph Hodges (dono da casa onde Charles e Hannah se casaram) e sobrinho do infeliz Henry Lamphee Hodges, que caiu do ônibus. Como era de se esperar, ele tinha a mesma profissão do falecido tio: era mestre pintor de cartazes. John George colocou Charlie na Addington Road Schools, junto com seu próprio filho, que era cerca de um ano mais novo (ou menos). Aparentemente, Charlie ficou na escola somente uma semana ou duas: ele nunca chegaria a frequentar um externato por períodos prolongados.<sup>40</sup>

Oito meses depois que Sydney foi dispensado da Norwood Schools, os dois garotos Chaplins experimentariam a vida em instituições de caridade de modo sério. Hannah foi levada novamente ao hospital, e Sydney e Charlie, agora com onze e sete anos, foram admitidos na Casa de Trabalho, “devido à ausência do pai e à doença da mãe”<sup>41</sup>. Charles Chaplin (pai) foi encontrado e apareceu relutante diante do District Relief Committee. De maneira um tanto cruel, ele lhes disse que aceitaria de bom grado levar Charlie, mas não aceitaria a responsabilidade por Sydney, que era filho ilegítimo. O comitê retorquiu; já que ele tinha se casado com a mãe do garoto, agora era legalmente responsável pelo sustento de Sydney. A essa altura, contudo, Hannah interveio para rejeitar a ideia dos garotos viverem com o pai, considerando-a totalmente repugnante, já que ele estava vivendo com outra mulher. Charles não demorou a apontar o adultério dela. Sem dúvida, perturbado pela disputa familiar, o comitê decidiu que era desejável manter os garotos juntos e que a melhor solução era enviá-los à Central London District Poor Law School, em Hanwell. Foi decidido que Chaplin deveria pagar quinze xelins por semana para mantê-los na instituição: “O homem é um cantor de *music hall*, fisicamente apto e em condição de prover o sustento de seus filhos”. Em 1º de julho, duas semanas depois de os garotos terem sido transferidos para Hanwell, o Board of Guardians\* relatou ao Local Government Board\*\* que Chaplin tinha concordado

\* O *Board of Guardians* eram autoridades *ad hoc* que administravam a *Poor Law* no Reino Unido entre 1835 e 1930 (N.T.).

\*\* Era um conselho administrativo do governo britânico, criado depois da *Local Government Act* 1871, que supervisionava a saúde pública e as funções relativas à *Poor Law Board* (que fora abolido) (N.T.).





com esse acordo. Entretanto, uma coisa era Chaplin consentir, outra diferente era ele pagar. No decorrer do ano, o Board of Guardians recebeu relatórios regulares sobre o não pagamento.

Evidentemente, os meninos não sabiam nada sobre isso. Em 18 de junho de 1896, eles foram conduzidos em uma carroça fechada que entregava pão em domicílio, puxada por cavalos pelas doze milhas até Hanwell, e Chaplin sempre se lembrava com uma nostalgia agradável daquele passeio aventureiro pelo que, na época, era um belo campo. Ele achava que Hanwell era menos sombrio que Norwood, embora não fosse tão moderno. Parte das construções tinha sido adaptada de uma instituição muito mais antiga, enquanto outras eram estruturas de ferro corrugado de um andar. Mas havia uma piscina e grandes áreas de lazer, e o sistema de aquecimento era, no mínimo, eficiente. Em um aspecto Sydney e Charles foram afortunados. Apenas seis ou sete anos antes, Hanwell passara por uma grande reorganização e reforma. Antes disso, a instituição tinha sido notória como um celeiro de contágio de oftalmia: muitas crianças que haviam entrado saudáveis na escola saíram de lá completa ou parcialmente cegas por causa da doença.

Por volta de 1896, tratamentos modernos e o isolamento de crianças doentes tinham freado a propagação da maioria das doenças infectocontagiosas. No entanto, era difícil controlar os insetos, e Charlie teve o azar de ser uma das 35 crianças que contraíram uma infecção cutânea causada por fungos no decorrer daquele ano. Ele guardou recordações amargas do episódio, lembrando-se de que seus cabelos foram rapados e de terem passado iodo em sua cabeça, que depois foi envolta com uma bandana. Sabendo do desprezo das outras crianças pelos que haviam sido infectados, ele evitava cuidadosamente ser visto, privando-se de olhar pela janela do pavilhão do primeiro andar, onde as crianças doentes ficavam confinadas.

A vida na escola era geralmente saudável, com jogos, exercícios, passeios no campo e com ênfase na higiene. A administração era geralmente humana e a comida suficiente (Charlie se lembrava de que Sydney trabalhou na cozinha e conseguia contrabandear pães e manteiga; mas, apesar de todo seu prazer pelos frutos roubados, ele não tinha necessidade de alimentação extra). Os garotos recordavam com um tremor de horror as punições semanais com bengalas ou varas, aplicadas às crianças malfeitoras pelo “Capitão” Hindom, o treinador físico da escola.<sup>42</sup> Uma vez, Charlie se viu injustamente incluído nessa lista de punição: estava usando o lavatório, inocentemente, no momento em que se descobriu que tinham posto fogo em alguns papéis no banheiro; ele foi considerado o incendiário e Hindom lhe desferiu três bengaladas.

A pior parte da vida na instituição era ficar separado de Sydney. As adversidades da infância dos meninos tinham criado um vínculo de entendimento incomum entre eles, que durou por toda a vida. Pouco tempo antes de morrer, em 1916, a tia dos meninos, Kate Mowbray, escreveu:





Para mim, é estranho que alguém possa escrever sobre Charlie Chaplin sem mencionar seu irmão Sydney. Eles foram inseparáveis durante toda a vida, excetuando alguns intervalos em que o destino interveio. Syd, que era quieto, esperto e de temperamento tranquilo, foi pai e mãe para Charlie. Charlie sempre consultava Syd, e Sydney fazia qualquer coisa para poupar Charlie.<sup>43</sup>

De sua parte, Sydney escreveu ao irmão, quase quarenta anos depois de Hanwell: “Esse sempre foi meu apuro infeliz, ou deveria dizer meu feliz apuro? Preocupar-me com a sua proteção. Isso é resultado mais do meu instinto paternal que fraternal...”<sup>44</sup>

Charlie logo seria privado dessa proteção, pelo menos temporariamente. Em novembro de 1896, Sydney foi transferido para o barco de treinamento Exmouth, ancorado em Grays, Essex. O Exmouth era um velho navio de guerra, de madeira, que estivera a serviço em Balaclava e, desde 1876, era usado pelo Metropolitan Asylums Board para o treinamento marítimo de garotos pobres, custeado pelas paróquias e albergues para pobres.<sup>45</sup> As crianças vinham de todas as partes de Londres, e o comitê selecionava muito bem os ingressantes. Logicamente, havia alguma dificuldade em manter todos os seiscentos meninos, já que “naturalmente havia uma falta de inclinação por parte das várias autoridades escolares em deixar ir seus ‘melhores’ garotos”.<sup>46</sup> Eles podiam ser selecionados quando completavam doze anos, e a escolha de Sydney foi um tributo ao seu físico, inteligência e destreza atlética. A vida no Exmouth era dura, porém, variada. A primeira tarefa era aprender a consertar e remendar as próprias roupas, adquirindo, portanto, a destreza manual que todo verdadeiro marinheiro exhibe. Eles também aprendiam a lavar suas roupas e a manter seus armários (um para cada rapaz) e o conteúdo deles em boas condições e em ordem. Cada garoto tinha sua própria rede de dormir, que era esmeradamente guardada durante o dia, deixando o convés livre de qualquer empecilho (como camas).<sup>47</sup> A educação em geral era boa, e os meninos aprendiam marinheiraria (parte prática da arte de navegar), artilharia e primeiros socorros. Sydney tiraria proveito da ênfase curricular em ginástica e bandas: tornou-se corneiteiro. Ele deixou o Exmouth com memórias suficientemente generosas do navio e do veterano capitão superintendente, Comandante W. S. Bourchier. Anos depois, teve o trabalho de organizar e financiar retiros especiais para jovens marujos.

Os dois meninos ficaram em suas respectivas instituições durante o ano de 1897. Há poucos vestígios de como ou onde Hannah viveu durante esse período, embora a certa altura ela tenha residido na Stockwell Park Road, 133. Enquanto isso, o Southwark Board of Guardians lutava para extrair de Charles Chaplin a contribuição semanal de quinze xelins, que ele tinha concordado em pagar para o sustento dos filhos. O primeiro problema era encontrá-lo — porém, se os guardiões fossem leitores mais assíduos dos jornais do *music hall*, saberiam que ele ainda estava trabalhando nas províncias e, ocasionalmente, em Londres.<sup>48</sup>





Ainda em 1897, o Dr. Shepherd (o dentista de Nova York com quem Charles tinha desenvolvido uma amizade durante sua turnê americana) visitou Londres e recorda-se de “ter recebido tratamento real” durante a estada de três meses, não só por parte de Charles, mas também de seu irmão Spencer e do pai, também chamado Spencer. Quando o Dr. Shepherd deixou Londres, eles o presentearam com várias peças do teatro Doulton, produzidas localmente e relativamente caras para a época. Evidentemente, Charles não tinha problemas financeiros nesse período.<sup>49</sup>

Logo após a visita do Dr. Shepherd, o pai de Charles faleceu. O testamento, aberto uma semana depois de sua morte, em 29 de maio de 1897, continha uma provisão curiosa, exigindo:

que meu filho, Charles Chaplin, tome conta dos negócios do The Davenport Arms, na Radnor Place, Paddington, por um período de 12 meses, tempo em que deve encontrar uma casa para a Sra. Machell. Ao final desse prazo, o negócio deve ser vendido e os rendimentos igualmente divididos entre meus filhos, se não for possível um acordo amigável entre eles.<sup>50</sup>

A intenção do avô de Chaplin pode ter sido introduzir alguma estabilidade na vida do seu, inegavelmente, imprestável filho. Se essa era a intenção, no entanto, ela foi frustrada, porque Charles, usando alguma falha técnica no testamento, conseguiu escapar da responsabilidade pelo bar do pai e pela misteriosa Sra. Machell.

O Southwark Board of Guardians, por outro lado, não podia permitir que ele escapasse das responsabilidades familiares. Depois de mais de um ano sem ter pago nem um centavo da contribuição acordada previamente<sup>51</sup>, os guardiões requereram um mandado contra Charles, por negligenciar o sustento dos filhos, e ofereceram uma recompensa de uma libra por informações que levassem à sua prisão. Felizmente, parece que entre Charles e o irmão Spencer, oito anos mais velho que ele, havia o mesmo tipo de laço que unia seus próprios filhos. Spencer interveio fazendo os pagamentos atrasados — que somavam a considerável quantia de 44 libras e 7 xelins, evitando, assim, a prisão de Charles.

6 Chaplin ✓	<p>3. Your Committee recommend that the collector be instructed, to collect the sum of 15/- per week from Charles Chaplin of 15 Hunters Grove, Sutham, in respect of the maintenance of his two children, Sydney aged 12 and Charles aged 7, about to be sent to Hamwell School</p> <p>Dated this 9<sup>th</sup> day of June, 1896</p> <p>L. S. Hamel</p> <p>In behalf of the Committee</p>
-------------	---



17<sup>th</sup> June 6

By Lord Handman.

In accordance with article 10 of the  
Sulbrook Relief Regulations Order, 21 December 1882  
I beg to report what appears to be a departure  
from the regulations therein contained.

Two children, Sydney Chaplin, 10, and  
Charles Chaplin, 7, were admitted to the  
Workhouse owing to the absence of their father  
and to the destitution and illness of their  
mother who was residing with her at the  
Division.

Inquiries were made for the father and  
eventually he appeared before the District Relief  
Committee. On that occasion he stated he was  
willing to take the younger boy but requested  
the Guardians to help the elder, who was then  
ill, to return. As however Chaplin was  
the boy's mother he is legally liable for the  
boy's maintenance.

Subsequently to the admission of the boys  
to the Workhouse the mother became chargeable  
on the Guardians' Infirmary. The idea of the  
boys being given up to her husband was not  
agreed to her as it was alleged he was  
living with another woman and this she could  
not deny. It was also stated that the  
mother herself had committed adultery in the  
absence of her husband.

1896 – Excertos das minutas do Southwark Board of Guardians

Os guardiões estavam evidentemente fartos de Charles e, em 11 de novembro de 1897, foi decidido que os dois garotos deveriam voltar aos cuidados do pai dentro de quatorze dias. Mais uma vez, o problema foi encontrá-lo. Em 16 de novembro, o oficial escreveu ao paciente Spencer:

Estimado senhor,

Consideraria um favor se o senhor informasse seu irmão Charles Chaplin que os guardiões desejam desincumbir-se da guarda das crianças Sydney e Charles em 14 dias a contar desta data: sou compelido a escrever-lhe, pois ignoro o endereço dele.<sup>52</sup>

Evidentemente, Spencer não queria ou não podia ajudar dessa vez e, mais uma vez, os guardiões emitiram um mandado de prisão contra Charles, dois dias antes do Natal. Um cidadão chamado Charles Creasy complementou o seu orçamento natalino, informando o paradeiro do pobre Charles e reclamando a recom-



pensa de uma libra. Chaplin foi preso no começo de janeiro em Leicester, onde ele dividia o estrelato com os filmes de “Beograph”, no New Empire Theatre of Varieties.<sup>53</sup> Dessa vez, ele pagou imediatamente a quantia pendente — 5 libras, 6 xelins e 3 pences—, mas passou a responsabilidade futura para Hannah, requerendo que os meninos fossem entregues aos cuidados de sua esposa. Assim, em 18 de janeiro de 1898, Charlie voltou para casa. Ele fora interno da Hanwell Schools por 18 meses. O retorno de Sydney, dois dias depois, completou a reunião familiar.

Charlie mais tarde se recordaria de que eles se mudavam de um quartinho dos fundos para outro: “Era como um jogo de damas: o último movimento foi de volta ao albergue de pobres”. No começo do verão, eles estavam morando em um quarto na Farmers Road, 10, uma pequena fileira de casinhas logo atrás do Parque Kennington. Foi daí que, em 22 de julho de 1898, os três cobriram a distância de quase uma milha da Kennington Park Road até o albergue em Lambeth, na Renfrew Road, para novamente se abrigar na misericórdia das autoridades paroquiais locais. Eles ficaram dez dias lá, então, Sydney e Charles — agora com treze e nove anos de idade, respectivamente — foram enviados para a Norwood Schools. Dessa vez, eles ficaram somente duas semanas, pois Hannah anunciou a intenção de pegar os filhos e deixar o albergue. Sydney e Charles foram trazidos de Norwood e, na sexta-feira, 12 de agosto, os três foram dispensados mais uma vez.<sup>54</sup> Isso, no entanto, foi só uma artimanha de Hannah para ver, de novo, os filhos. Charles se lembrava vividamente daquele dia e da alegria de encontrar a mãe nos portões do albergue de manhã cedo. Eles tinham recebido de volta suas roupas, amarrotadas e amassadas depois da desinfecção a vapor obrigatória feita pelas autoridades do albergue. Sem outro lugar para ir, eles passaram o dia no Parque Kennington, um pequeno e sem graça pedaço de terra verde, embora o parque tivesse recentemente recebido uma fonte, feita pelo famoso escultor e ceramista do Doulton, George Tinwoth.

O habilidoso Sydney tinha conseguido poupar nove pences, que eles gastaram com duas xícaras de chá de meio pêni, duzentos gramas de cerejas pretas, bolinhos e um arenque defumado, que dividiram entre si, no parque. Sydney improvisou uma bola com jornal e um cordão, e eles brincaram com ela. Depois de comer, Hannah sentou-se para fazer crochê enquanto eles continuavam a brincar. Finalmente, ela disse que tinham tempo para pegar o chá no albergue, e eles voltaram para a Kennington Park Road. Charles lembrou que as autoridades do albergue ficaram muito indignadas quando Hannah exigiu que eles fossem readmitidos, pois isso envolvia não somente nova papelada, mas também uma nova desinfecção de suas roupas. Um bônus extra desse dia foi que Sydney e Charles puderam ficar na Casa de Trabalho durante o fim de semana, passando mais tempo com a mãe. Na segunda-feira, eles foram enviados para Norwood Schools.

A aventura que Hannah tinha tramado para eles permaneceu como uma alegre memória em seus filhos até o fim de suas vidas.<sup>55</sup> Ironicamente, a coragem





para levar a cabo essa traquinagem, provavelmente, já era um sinal de sua crescente instabilidade mental. Em 6 de setembro, apenas três semanas depois do passeio ao Parque Kennington, ela foi transferida para o hospital. O período que passara no albergue tinha debilitado sua condição física: ela estava com dermatite e o corpo estava coberto de contusões. Ninguém se preocupou ou ousou perguntar a causa dos ferimentos; provavelmente, eram resultado de conflitos violentos com outros pacientes, dada a sua condição mental. O médico rabiscou a abreviação “Sif.” no canto do formulário que registrava a condição física de Hannah na admissão, sugerindo a possibilidade de que ela tivesse sífilis no terceiro estágio, e que essa talvez fosse a causa de seu estado. Não há outras evidências para apoiar essa conjectura, embora, no final de sua vida, Chaplin estivesse aparentemente fascinado pela doença e com medo dela. Hannah foi admitida no Cane Hill Asylum, e os médicos relataram:

Tem apresentado maneiras muito estranhas — ora insultante e turbulenta, ora usando termos afáveis. Foi confinada na cela acolchoada repetidamente por causa de surtos de violência: ela atirou uma caneca em outro paciente, canta e fala incoerentemente. Hoje de manhã queixou-se de dor de cabeça e estava confusa, deprimida e chorando, não conseguindo dar nenhuma informação confiável. Perguntou se vai morrer. Declarou que pertence à congregação Christ Church [Igreja da Inglaterra], diz que está aqui em missão pelo Senhor e que quer ir embora do mundo.<sup>56</sup>

Em sua admissão no hospital, Hannah informou sua ocupação como “maquinista”, então, talvez ela ainda sustentasse a família costurando enquanto estavam em Farmers Road. Deu o nome de “Lily”, mas as autoridades do albergue corrigiram para Hannah Harriett. Como uma verdadeira atriz, ela teve a presença de espírito de dizer que tinha 28 anos: sua idade real naquela época era pouco mais de 33 anos.

Depois que Hannah e os filhos foram readmitidos no albergue em julho, o Board of Guardians voltou a procurar por Charles Chaplin (pai). Ele agora vivia na Kennington Road, 289,<sup>57</sup> apenas a alguns minutos do *pub* de Spencer, o Queen’s Head, na esquina da Broad Street com a Vauxhall Walk. Duas semanas depois de ela ser transferida para o sanatório, Sydney e Charlie foram liberados da Norwood Schools aos cuidados do pai.

Quando foram levados para a casa do pai — de novo em uma carroça fechada que entregava pão em domicílio, Charles se recordava de só ter visto o pai duas vezes: uma vez no palco do Canterbury Music Hall, em Westminster Bridge Road; na outra vez, Charles, na verdade, se dirigiu a ele quando estavam na rua da casa em Kennington Road. Nessa ocasião, o pai estava acompanhado pela mulher com quem ainda vivia e que Charles identifica, em sua autobiografia, simples-





mente como “Louise”. O número 289 da Kennington Road era, e ainda é, uma grande casa avarandada do final do período georgiano, com um pequeno jardim na frente. Charles Chaplin (pai) ocupava os dois quartos do primeiro andar, com Louise e o filho deles, de quatro anos (outro meio-irmão para Charlie). A chegada dos meninos não podia ser conveniente. Na verdade, Sydney e Charles viveram com o pai menos de dois meses, que claramente pareceram anos para ambos. Louise era azeda e ressentida, e implicou particularmente com Sydney (que uma vez se vingou dela, ameaçando-a com um afiado abotoador — instrumento antigo para abotoar). Quando ela bebia demais, ficava ainda mais rabugenta. Mesmo assim, Chaplin sentia certa simpatia por ela. Já tinha sido bonita e tinha olhos de corça tristes; Chaplin sentia que ela e seu pai estavam verdadeiramente apaixonados. A vida com o pai não podia mesmo ser fácil. Ele estava bebendo muito e raramente chegava sóbrio em casa. Houve momentos em que era atencioso e encantador, cheio de histórias divertidas sobre os *music halls*. Porém, o que mais Charlie lembrava eram as brigas do pai e Louise, e as ocasiões em que ele próprio fora trancado do lado de fora da casa. Uma dessas ocasiões levou a uma visita da Society for the Prevention of Cruelty to Children [Sociedade para a Prevenção de Crueldade contras Crianças].

Enquanto isso, Hannah tinha períodos de melhora da enfermidade. Em 12 de novembro de 1898, ela foi liberada do Cane Hill Asylum<sup>58</sup> e, logo depois, se reuniu mais uma vez aos filhos, na Kennington Road, 289. Os três se mudaram para um quarto na Methley Street, 39, atrás da fábrica de picles, que espalhava um cheiro acre por toda a vizinhança. A casa deles era perto de um matadouro, e Chaplin se recordava do horror que sentiu quando descobriu que uma alegre perseguição a um carneiro fugitivo terminaria em tragédia e no assassinato do alegre bichinho.

Apesar disso, a vida na Methley Street não parece ter sido muito desconfortável. Charles Chaplin (pai) contribuía ocasionalmente com o sustento dos filhos, provavelmente para se assegurar de que eles não iriam perturbar sua duvidosa harmonia na Kennington Road. Hannah tinha voltado a frequentar a igreja e a costurar, cosendo blusas já cortadas para uma camisaria. Ela recebia um xelim e meio pêni por cada uma — lembrança que talvez tenha inspirado a descrição da mãe da heroína das versões iniciais do roteiro de *Luzes da ribalta*, caracterizada como uma mulher exaurida, mas ainda bonita, curvada sobre uma máquina de costura em um sótão. A essa altura, Sydney conseguira um emprego como mensageiro de telegramas, no Strand Post Office. Louise tinha mandado Charlie de volta para a Kennington Road Schools, por insistência do Board of Guardians. Ele não gostou muito e, no fim da vida, reclamava sobre o fracasso de muitos professores em instigar a imaginação dos alunos. Seu último dia lá foi uma sexta-feira, 25 de novembro de 1898.<sup>59</sup>





Charlie iria se tornar um artista profissional. Em suas primeiras entrevistas, de vez em quando, fazia relatos românticos sobre como foi descoberto por William Jackson, o fundador da trupe *Oito Rapazes de Lancashire*:

Um dia eu estava imitando os trejeitos dos árabes – tão comuns nas ruas de Londres – quando vi um homem me observando intensamente. Eu o ouvi dizer: “O garoto é um ator nato!”, e depois ele me perguntou: “Você quer ser ator?”. Eu mal sabia o que era um ator naquele tempo, embora minha mãe e meu pai estivessem no palco do *music hall* há anos. Porém, qualquer coisa que promettesse trabalho e a recompensa pelo trabalho era uma maneira de sair do buraco onde eu estava, e era muito bem-vindo. Eu acedi à tentação e alguns dias depois estava fazendo minhas apresentações nos subúrbios de Londres, junto com uma trupe de artistas do teatro de variedades conhecida como *Oito Rapazes de Lancashire*.<sup>60</sup>

Esse era o tipo de história que os repórteres e os leitores dos anos 1920 adoravam. Em sua autobiografia, Charles explicou que seu pai conhecia o Sr. Jackson e o convenceu a levar o filho — versão mais mundana e crível. Hannah foi convencida: o acordo rezava que Charlie receberia alojamento e alimentação durante a turnê, e ela receberia meia coroa por semana. William Jackson e a esposa, evidentemente, eram pessoas a quem ela podia confiar o filho. Eles eram católicos devotos. Permitiam que os próprios filhos se apresentassem com a trupe e se provaram conscienciosos sobre mandar as crianças para a escola nas cidades por onde a trupe passasse — embora Charlie soubesse bem que essas visitas semanais não ajudavam muito a sua educação. O costume menos simpático do Sr. Jackson era apertar as bochechas dos garotos antes de entrarem em cena, se estivessem pálidos — ele gostava de se gabar de não usarem maquiagem, já que os rostos eram naturalmente rosados. O escritor de um jornal de teatro, *The Magnet*,<sup>61</sup> descreveu o número, na época que Chaplin fazia parte da trupe:

A trupe *Oito Rapazes de Lancashire* apresenta um número jovial e brilhante, com uma pitada de “pimenta”. Não poderíamos elogiar o bastante esse número. O Sr. William Jackson apresenta ao público oito rapazes perfeitamente treinados, que trazem ao público a melhor apresentação de sapateado que se pode imaginar. O número é muito bom, porque foge do comum e mergulha profundamente no mar da novidade. Os rapazes de Lancashire são finos exemplares de rapazes e parecem ainda mais pitorescos em seus encantadores trajes “do continente”: de fato, eles são tão úteis quanto decorativos e nos brindam com os dez minutos mais agradáveis de entretenimento. O chefe da trupe é William





Jackson, a quem entrevistamos recentemente. O Sr. Jackson iniciou a carreira alguns anos atrás em Liverpool, onde adquiriu um vasto conhecimento de dança. Segundo me disse, foi aconselhado a seguir profissionalmente com a atividade, então, desistiu do trabalho como escultor e se dedicou ao palco. [Chaplin, no entanto, entendia que Jackson tinha sido professor.]

O Sr. Jackson disse ao repórter que os rapazes...

fizeram sua primeira apresentação em Blackpool, alcançando grande sucesso e, em seguida, percorreram os principais teatros das províncias. Sabe, o número era bem novo e cativante... E nós estamos sempre tentando incrementar o show. Depois disso, fizemos pantomima no Newcastle Grand, e novamente de modo bastante satisfatório... Depois desse espetáculo, levei os garotos para Londres e eles se apresentaram no *Gatti's* (Westminster Bridge Road), em outros teatros em seguida, e também o Moss e a turnê pelo Thornton.

Perguntado se algum de seus filhos se apresentava no show, ele respondeu: “Sim, dois deles estão incluídos no número; os outros seis são alunos. Eu supervisiono o treinamento deles pessoalmente, e minha esposa ajuda bastante”. Aqui, mais uma vez, a memória de Chaplin difere ligeiramente: ele acreditava que quatro dos rapazes eram filhos de Jackson, embora um deles fosse uma garota que usava um corte de cabelo masculino. De qualquer maneira, o correspondente do *Magnet* concluiu:

Os *Oitos Rapazes de Lancashire* são moços muito encantadores, bem cuidados, e uma olhadela é suficiente para me convencer de que todos são bem dotados daquilo que é o mais delicioso da juventude — boa saúde e vivacidade. Eles têm tanto interesse em seu trabalho quanto o Sr. e a Sra. Jackson, e o público não precisa temer que seus interesses sejam negligenciados pelos *Oito Rapazes de Lancashire*.

Charlie lembrava que teve de ensaiar seu número de sapateado por seis semanas antes de permitirem que se apresentasse — quase paralisado com pavor de palco. Sua estreia pode ter sido, então, no Theatre Royal, em Manchester, onde a companhia apareceu na pantomima natalina *Babes in the Wood*, que estreou na véspera de Natal. Nesse caso, Charles Chaplin (pai) poderia estar lá para ver os primeiros passos do filho: ele estreou no primeiro fim de semana após o Natal (um feriado local chamado Boxing Day), no Manchester Tivoli. Certamente, Charlie





estava trabalhando com a trupe em 9 de janeiro de 1899, quando foi matriculado, pela Sra. Jackson, na Armitage Street School, em Ardwick, Manchester.<sup>62</sup>

O filho mais novo de Jackson, Alfred, um ano mais velho que Charlie, recordava-se do garoto recém-chegado, que não tinha ainda dez anos, sendo contratado:

Ele vivia com uma tia e com seu irmão Sydney em cima de uma barbearia (hoje, uma loja de tecidos) na Chester Street, à direita da Kennington Road. No começo, ele era muito quieto e, considerando que não vinha de Lancashire, não era um dançarino ruim. Meu primeiro trabalho foi levá-lo para cortar o cabelo, que caía em cachos emaranhados sobre os ombros.

Ele veio ficar conosco na Kennington Road, 167, e dormia comigo no sótão, embaixo das telhas. Enquanto estávamos em Londres, íamos todos a Sancroft Street Schools (defronte a Kennington Cross), e ele começou a ficar mais agradável conforme nos conhecíamos melhor. Era um grande mímico, mas seu coração estava repleto de tragédia. Durante semanas, ele imitou Bransby Williams no *The Old Curiosity Shop*, vestindo uma velha peruca grisalha e cambaleando com uma bengala, até que ficamos cansados dele.<sup>63</sup>

O próprio Charlie tinha lembranças vívidas da sua imitação de Bransby Williams. O Sr. Jackson o tinha visto divertir os outros garotos imitando Bransby em *Death of little Nell*, do show *The Old Curiosity Shop*, e tinha decidido que ele devia apresentar esse número. Mas foi um desastre. Charlie usou o seu costume normal de rapaz Lancashire, composto de blusa, *knickerbockers* (calções folgados, presos um pouco abaixo dos joelhos), gola de renda e sapatos de dança vermelhos; ele usava também uma bengala de velho, e seu sussurro inaudível no palco irritou o público, que o vaiou. A experiência solo não foi repetida.

Charlie teve, de fato, várias oportunidades de estudar Bransby Williams. Os *Oito Rapazes de Lancashire* conseguiram apresentações nos maiores teatros de Londres e nas províncias, e dividiram o programa com Williams e outros astros da época. Chaplin se lembrava claramente de ter visto Marie Lloyd e de ter observado seu profissionalismo, mas não se recordava de ter visto Dan Leno, com quem dividiu o palco no Tivoli, em abril de 1900, na juventude.

Chaplin conheceu o teatro de variedades no apogeu. Desde a estreia de seu pai, novas organizações cívicas e regulamentos de segurança tinham fechado inúmeros teatros menores e acanhados, e em cada centro urbano abastado surgiam novos Empires e Palaces. Os novos gerentes desses grandes teatros buscavam a respeitabilidade e tinham começado a atrair a sagaz classe média. Os enormes salários pagos aos astros começam a atrair pessoas talentosas do teatro (Bransby Williams





e Albert Chevalier, entre eles). Em 1897, Charles Douglas Stuart e A. J. Park, os primeiros historiadores do teatro de variedades, podiam descrever:

A posição ocupada pelo teatro de variedades hoje é singular e visível por toda parte. Nem o teatro dramático nem a ópera erigiram tantos ou tão suntuosos templos, e nenhum ramo da Arte pode contar com tantos mestres e apoiadores como os que se devotam à causa dessa peculiar forma de entretenimento popular. Mas, se o *music hall* tem um passado brilhante e interessante, tem um futuro ainda mais dourado e atraente. Manter-se em contato íntimo e solidário com o palpitante coração do povo — como antes, aliás — e colocar-se a seu serviço, enquanto sua esfera de utilidade se estende e engloba os melhores autores em atividade, os melhores artistas e a mais fina inteligência contemporâneos, irá necessariamente produzir resultados ainda melhores e mais brilhantes. O público refinado do século XX poderá, então, apreciar um programa em que os Shakespeares e Henry Irvings do futuro possam trabalhar juntos para glorificar e embelezar — quando, oh, melancólica expectativa! Os autores atuais tiverem se reunido aos seus ancestrais!<sup>64</sup>

Os teatros de variedades deviam prover uma escola incomparável de método, técnica e disciplina, até mesmo para um menino de dez anos em uma trupe de sapateadores. Um número do teatro de variedades devia prender e capturar a atenção da plateia e deixar sua marca em um espaço muito curto de tempo — entre seis e dezesseis minutos. O público não era indulgente, e a concorrência era atroz. O artista de *music hall* não podia confiar em um contexto simpático ou de elogios: Sarah Bernhardt poderia ver seu nome depois dos elefantes de Lockhart no programa do show. Então, cada artista tinha de aprender os segredos de ataque e de estrutura, a necessidade de fazer o show em um *crescendo* — um início, um meio e um final deslumbrante — para conseguir aplausos. Um ou outro tinha de aprender a comandar todo tipo de público, desde uma plateia sonolenta de segunda-feira às multidões de sábado.

O melhor do teatro de variedades era, invariavelmente, baseado em personagens. Havia os excêntricos, como Nellie Wallace ou W. C. Fields (que era famoso dos dois lados do Atlântico como trapaceiro vagabundo), que sempre apresentavam o mesmo personagem, e havia artistas como Marie Lloyd, Albert Chevalier, George Robey ou o próprio Charles Chaplin (pai) que criavam um novo personagem para cada canção. Hetty King, iniciante na carreira naquele tempo, dizia que seu espetáculo “cantava personagens da vida real”, e “vida real” era um detalhe muito importante. O público era intensamente suscetível à falsidade, e a comédia tinha de observar suas próprias leis dramatúrgicas e verdade psicológica.





Charlie parece ter feito turnês com os *Oito Rapazes de Lancashire* entre 1899-1900. Os registros da St. Mary The Less School, em Lambeth, revelam que a Sra. Jackson o matriculou ali enquanto os rapazes se apresentavam no Tivoli. Evidentemente, Charles ainda estava com eles no final do ano, quando a temporada das pantomimas começou. Alfred Jackson se recordava: “Charlie nos acompanhou na turnê e representou um dos gatos na pantomima *Cinderela*, no London Hippodrome. Finalmente, ele deixou o Lancashire pelo ‘legítimo’.<sup>65</sup> Isso confirma as memórias circunstanciais que o próprio Charlie tinha de *Cinderela*, embora os rapazes de William Jackson não apareçam no programa. Supõe-se que uma peça tão popular fosse anunciada, mas não é de todo surpreendente que não tenha sido nessa ocasião. O elenco de representação de uma pantomima espetacular podia ser enorme naquele tempo, com diversos figurantes e números de especialidades. O Sr. Jackson também pode ter pensado que representar os animais na pantomima era um trabalho menor (embora rentável). A lista do elenco mostra: “Membros do *Princes’s Hunting Party, Guests at the Bar, Foreign Ambassadors and their Retinue* etc. etc.”. Charlie e os *Rapazes* deviam estar entre os *Et caeterae*.

Inaugurado em janeiro de 1900, o Hippodrome era a última maravilha teatral londrina. O produtor teatral Sir Edward Moss tinha se planejado para oferecer aos londrinos “o melhor espetáculo circense do mundo, combinado a elaborados espetáculos, impossíveis de serem realizados em outro teatro”. A construção era a obra-prima de um gênio da arquitetura teatral, Frank Matcham. O centro desse palácio de mármore, mosaico, dourado e terracota era a grande arena, que podia ser inundada por 450 mil litros de água ou ser convertida em um palco seco em apenas dezesseis segundos, levantando-se as plataformas do fundo do lago artificial. Para os números com animais, grades tremeluzentes podiam ser abertas automaticamente, em instantes, em volta de toda a arena. Nos primeiros anos, o Hippodrome apresentou uma combinação única de números de variedade, circo e espetáculos aquáticos. Conforme o tempo passou, foram construídos assentos sobre a arena, dando lugar a um estilo mais convencional de teatro.

Há uma lenda persistente, porém, improvável, de que Charlie foi um figurante em *Giddy Ostend*, a primeira produção do Hippodrome, que estreou em 15 de janeiro de 1900. Naquela época, os *Oito Rapazes de Lancashire* estavam encenando *Simbad, o Marujo*, no Alexandria, em Stoke Newington. O show *Cinderela* do Hippodrome, produzido por Frank Parker e que teve temporada da véspera de Natal de 1900 até 13 de abril de 1901, era mais parecido com um dos ricos espetáculos de balé do Alhambra e do Empire. A primeira parte do programa era composta por onze números de variedades, incluindo: *As focas e os leões marinhos do Capitão Woodward, Os elefantes de Lockhart, Os cômicos pôneis adestrados de Leon Morris, a Trupe de bailarinos russos Aquamarinoff*, números equestres, trapezistas, Capitão Kettle e Stepson (acrobatas cômicos) e “*Gobert, Belling e Filpe, os famosos*





*grotescos do continente*". O nono número no programa era o *Phono-Bio-Tableaux*, de Gibbons, uma tentativa inicial de combinar som com imagens em movimento. *Cinderela* era talvez mais um conto de fadas que uma pantomima convencional. Foi escrita por W. H. Risque, com música de George Jacobi (ex-diretor musical do Alhambra) e coreografado por Will Bishop. Havia cinco cenários e um ato aquático. O cenário da bola era tão elaborado que, mesmo com o maquinário do Hippodrome, eram necessários vários minutos para ficar pronto. Os gatos e cães providenciados pelos *Rapazes de Lancashire*, provavelmente, apareceram na cena *The Baron Kitchen*.

O personagem Buttons foi encenado pelo palhaço espanhol Marceline (1873-1927), que se apresentava regularmente no Hippodrome durante quatro anos, primeiro anunciado como *Continental Auguste* e depois como *O Bufão*. Esse jovem artista causou uma profunda impressão em Chaplin, então com onze anos, como ele mesmo descreveria depois na autobiografia. Parece razoável supor que o contato profissional e a observação próxima do trabalho de Marceline tenham influenciado as concepções posteriores de Chaplin sobre a comédia. Há uma qualidade distintamente "chaplinesca" nas fotos que restaram do rosto pequeno de olhos brilhantes que nos encara — às vezes zombeteiro, outras, demoníaco. O cabelo e o nariz de Marceline eram vermelhos. Ele nunca falava no palco: "entendia-se o que queria mais claramente observando-o do que se ele berrasse no alto-falante".<sup>66</sup> Todavia, empregava um repertório de assobios (talvez uma inspiração para o assobio de *Luzes da cidade*). Seu traje característico era um fraque pequeno demais, preso na frente por um cordão, um colete branco e uma grande gravata borboleta. As calças, grotescamente grandes, foram copiadas de maneira quase idêntica por Chaplin para seu ato musical com Buster Keaton, no filme *Luzes da ribalta*. Abaixo das enormes calças, os pés virados para fora de Marceline calçavam sapatos grandes demais e com o bico arrebitado. Por cima desse conjunto, vinha uma cartola ornamentada, que era foco das emoções de Marceline: em momentos de raiva, ele a espancava com fúria, mas, instantes depois, a tratava com respeito e afeição. Um acrobata excepcional, Marceline saltava por cima de uma fila de oito homens, ajeitando-os na posição certa, com atenção exagerada. W. McQueen-Pope resume o personagem cômico:

O que ele queria era sempre interferir, sendo uma fonte de problemas para os outros e, eventualmente, para si mesmo... Ele também trabalhava com a ilusão de que era um organizador nato. Se o tapete usado pelos acrobatas estivesse sendo recolhido, ele corria para ajudar. Trabalhava como um castor, mandando em todo mundo, criando o mais profundo caos e acabava sendo escorraçado, enrolado no tapete, lutando para se libertar.<sup>67</sup>





Um esquete apresentado por Marceline em sua temporada no Hippodrome, em 1900, bem podia ser o enredo de uma comédia de curta-metragem dos primórdios do cinema:

Marceline e seu irmão, o palhaço, recebem de presente uma maravilhosa estátua de mármore. Ao virar uma manivela, a estátua assume posições surpreendentes, uma das quais deixa Marceline realmente comovido. O irmão de Marceline resolve que eles precisam tirar “muitas, muitas fotografias” e deixa o irmão encarregado enquanto sai para buscar um fotógrafo. Ele lhe diz que tire o pé da estátua, e a aproximação nervosa de Marceline com um espanador de pó é muito cômica.

A confiança de Marceline vai aumentando conforme tira o pé, e coloca a estátua em várias “posições novas”, até que ela finalmente se quebra. Receoso de contar ao irmão, ele se enrola em um lençol, coloca o capacete da estátua (ao contrário) e empunha a espada e o escudo. Entretanto, Marceline não é cuidadoso o bastante com o lençol e é descoberto pelo irmão, depois de algumas imitações das posições da estátua.<sup>68</sup>

Em sua autobiografia, Chaplin relembra como Marceline se empoleirava em um banquinho de acampamento sobre a arena inundada, no espetáculo *Cinderela*, e pescava, com uma vara, as garotas do coro que haviam desaparecido nas águas, antecipando os musicais de Busby Berkely, anos depois. Como isca, ele usava colares e braceletes de diamantes. Há algo perfeitamente “chaplinesco” na impertinência de pescar na espetacular arena do Hippodrome, como também no pequeno *poodle* que imitava cada movimento de Marceline na pantomima. Depois de breves anos de glória no Hippodrome londrino, Marceline caiu na obscuridade e cometeu suicídio, em 1927, aos 54 anos.

Chaplin também tinha na memória que *Cinderela* fora sua primeira improvisação cômica, no papel de um gato que tem o privilégio de derrubar Marceline na cena da cozinha. Em uma das matinês infantis, ele introduziu alguns movimentos cômicos não felinos, farejando como um cachorro e levantando a perna “traseira” no proscênio. Nas contas de Chaplin, os risos eram gratificantes, mas as repetições eram estritamente proibidas. Naqueles dias, Lord Chamberlain\* estava sempre alerta contra qualquer impropriedade nas apresentações do teatro de variedades.

A explicação de Chaplin para deixar a trupe foi que William Jackson se cansou de Hannah, comportando-se como uma “mãe de miss” e repetindo sempre que o filho parecia doente. Se isso é verdade, seria mais provável que tivesse acontecido durante a demorada temporada no Hippodrome de Londres. Talvez haja alguma

---

\* Departamento da Coroa Britânica que, até 1968, foi responsável pela fiscalização dos teatros (N.T.).





razão nas queixas de Hannah. Em 1912, Chaplin, então brilhando na companhia de Karno, contou a um repórter de Winnipeg<sup>69</sup>:

Aqueles dias foram duros. Às vezes, quase pegávamos no sono no palco, mas lançando um olhar para Jackson nos bastidores, podíamos vê-lo fazendo caretas extraordinárias, mostrando os dentes, apontando para o rosto e se contorcendo, indicando que ele queria que a gente criasse coragem e sorrisse. Nós respondíamos de pronto, mas logo o sorriso desvanecia de novo, até olharmos novamente para Jackson. Éramos apenas crianças, e não tínhamos aprendido a arte de fazer brotar energia de um estado de indiferença. Mas foi um bom treinamento, moldando-nos para o trabalho duro que teríamos antes que a deusa do sucesso começasse a distribuir suas bênçãos.

Apesar das caretas de Jackson e de seu modo de “massagear” as pequenas bochechas dos guris, Chaplin guarda dele uma memória estranhamente grata. Em 1931, quando estava em Paris, ele reencontrou os Jacksons — William e o filho Alfred. O velho homem tinha os seus oitenta anos, mas estava em muito boa forma. Chaplin se comoveu quando ele lhe disse: “Sabe, Charlie, a memória mais notável que eu tenho de você quando menino é a sua generosidade”.

A vida de Hannah, como de costume, não foi fácil durante as frequentes ausências do filho. O pai dela, o avô Hill, estava com sessenta anos e não passava bem desde que a avó o deixara. A gota e o reumatismo não o deixavam trabalhar no remendo dos calçados e, durante alguns anos, ele se mudou com tanta frequência quanto a filha. Em julho de 1899, ele se tornou sem-teto e se mudou para o quartinho de Hannah na Methley Street. Depois de cinco dias, foi admitido no Lambeth Infirmary e, depois disso, passou um mês ou mais no albergue. A volta do avô Hill em suas vidas pode ter tido compensações. Charlie se lembrava de que, no período em que estava internado, ele trabalhava na cozinha e conseguia passar caixas de ovos roubados ao seu nervoso neto que tinha vindo fazer uma visita.

Enquanto Charlie representava em *Cinderela*, Sydney decidiu ir para o mar, aproveitando as qualificações que tinha adquirido a bordo do Exmouth. Ele só tinha dezesseis anos, e parece que precisou acrescentar três anos à sua idade para poder melhorar as chances: durante toda sua carreira no mar, os documentos dele mostram a data de nascimento como 1882, em vez de 1885. Em 6 de abril de 1901, ele se juntou ao SS Norman, da companhia Union Castle Mail Steamship, embarcando na rota de correio do Cabo. Ele foi designado assistente de camareiro e componente da banda de música, devido à sua aptidão para tocar clarim. Fez sete viagens ao todo e, depois de cada uma delas, teve o trabalho e a conduta registrados em seu *Continuous Certificate of Discharge* [Certificado de Dispensa] como “Muito





bom”.<sup>70</sup> Durante a vida, Sydney parece ter aplicado o mesmo fervor atencioso a tudo o que fazia. Mais de trinta anos depois da primeira viagem, ele se recordava:

Quando saí em minha primeira viagem, eu tinha dezessete anos, e eles me colocaram para esfregar uma escada que levava ao porão do navio, só usada para descer garrafas vazias e resíduos do navio. A escada estava absolutamente preta de sujeira. Com a ajuda de areia de praia e pedra mole, consegui deixar aquela escada tão branca que você poderia fazer suas refeições ali. O capitão notou meu trabalho e me chamou, para dizer que ele era capitão de navio há dezenove anos e nunca tinha visto aquela escada tão limpa. Ele me deu os parabéns e me disse que, se eu fosse sempre tão cuidadoso com o meu trabalho, estava destinado a ter sucesso na vida. Eu nunca me esqueci dessa lição e do elogio do capitão.

Logicamente, esse esforço também trouxe resultados imediatos. Quando o mestre do Norman se transferiu para o Kinfairns Castle, Sydney foi engajado em quatro viagens sucessivas no navio.

Antes de sair para o mar, Sydney enviou uma libra e quinze xelins do seu primeiro salário para a mãe.<sup>71</sup> O oficial que fez o registro no *Seaman's Allotment Note* [Apontamento de Divisão de Marujo Embarcado] indicou o nome como “Annie” — sem dúvida, uma interpretação errônea causada pela pronúncia fraca dos sons aspirados da fala londrina.<sup>72</sup> Foi, aparentemente, graças a essa pequena fortuna que Hannah e Charlie melhoraram as condições de moradia, mudando-se para um dois-quartos em cima da barbearia, na Chester Street, provavelmente o mesmo local que sua tia Kate alugara antes. Deve ter sido o número 14, onde Frederick Clarke mantinha a única barbearia da rua. A Chester Street (hoje, Chester Way) fica à direita da Kennington Road, muito perto da casa onde os garotos viveram com Charles e Louise. As lembranças de Chaplin da Chester Street ainda estavam vívidas em 1943, quando ele fez uma transmissão transatlântica para a Inglaterra, pois ele ainda se lembrava dos nomes dos donos das lojas: Edward Ash, da mercearia, no número 118; Francis William Healey, o verdureiro; e do outro lado da rua, no número 225, Jethro Waghorn, que tinha comprado o açougue.

O pai de Chaplin estava morrendo. Ele só tinha 37 anos, mas a saúde ficou debilitada pela bebida; tinha cirrose e hidropisia.<sup>73</sup> Quando ele inevitavelmente sucumbiu, o *The Era* escreveu: “nossos leitores irão lastimar, mas não vão se surpreender com a morte do pobre Charles Chaplin, o famoso mímico e comediante do teatro de variedades. Nos últimos anos, o pobre Chaplin não teve muita sorte e, nós receamos, nem tampouco bons contratos...”. Sua última apresentação registrada foi em setembro de 1900, no Granville Theatre of Varieties, Walham Green, construído por Frank Matcham, dois anos antes, como “teste” para os grandes





comediantes Dan Leno e Herbert Campbell. Charlie se lembrava de ter ficado chocado com a aparência do pai quando o encontrou, algumas semanas antes de sua morte, no *The Three Stags*, um *pub* na ponta norte da Kennington Road. Ele ficou impressionado pelo pai parecer estar muito feliz em vê-lo e, pela primeira vez na vida, o abraçou e lhe deu um beijo. No final da vida, ele também se aproximou de Hannah. Quando foi levado para o Hospital St. Thomas, em 19 de abril, ele morava na Golden Place, 16, uma travessa de casas pobres perto da Chester Street. Como informante da certidão de óbito do marido, Hannah forneceu esse mesmo endereço como sendo seu.

Charles morreu em 9 de maio de 1901. Hannah, logicamente, não tinha dinheiro para o funeral, e as autoridades paroquiais de Lambeth, provavelmente instigadas pelo hospital, garantiram uma sepultura para pobres no cemitério em Tooting. Hannah propôs pedirem ao *Variety Artists' Benevolent Fund* [Fundo de Caridade para Artistas do Teatro de Variedades] recursos para os outros custos do funeral: ela sem dúvida recorreu a Albert Mummery, que dividia o número 34 com seu parente Thomas Alfred Mummery, fabricante de tonéis de vinho. No entanto, a família Chaplin se opôs que a instituição custeasse o funeral. Felizmente, seu irmão Albert, que tinha se saído bem na África do Sul, estava em Londres. O *The Era* relatou:

O pobre Charles Chaplin foi enterrado em Tooting na segunda-feira [13 de maio de 1901], ao meio-dia e meia. Compareceram ao enterro a viúva e seu único filho, irmão, irmã e cunhada. O Sr. e a Sra. Clarke também compareceram, além do Sr. R. Voss, cantor, e do Sr. Fredericks, da *De Voy, Hurst and Fredericks*. O caixão era de carvalho polido. As despesas do funeral foram custeadas pelo Sr. Albert Chaplin, da África do Sul, irmão do comediante falecido.

Depois do enterro, Chaplin se lembrava dos Chaplins terem ido almoçar em um dos seus *pubs*, em seguida, deixando Hannah e ele mesmo em casa, com uma despensa vazia e sem nenhuma perspectiva de ser preenchida. Felizmente, Sydney aportou em Southampton em 31 de maio. Seu salário e mais de três libras em gorjetas que ele tinha conseguido juntar asseguraram aos três Chaplins um verão relativamente luxuoso, com arenques, *crumpets*<sup>\*</sup>, bolo e sorvete, do qual Charlie jamais se esqueceria.

Em 1º de setembro, Sidney voltou ao mar. Dessa vez, ele foi engajado como camareiro, no Haverford, e alistou-se para a viagem de ida e de volta para Nova York. Mas, para o susto da mãe e do irmão, essa viagem durou muito mais do que as três semanas inicialmente planejadas. Sydney parece ter ficado doente

---

\* Um tipo de panqueca tipicamente inglesa, de textura muito macia e com cobertura





e desembarcado em Nova York, tendo de esperar até 5 de outubro para poder pegar outro barco para voltar. Ele se alistou como camareiro no St. Louis, na viagem de volta a Nova York, pelo norte do Atlântico, chegando à Inglaterra em 23 de outubro.<sup>74</sup>

A cronologia do ano e meio seguintes da vida de Charlie Chaplin é um pouco imprecisa; até o próprio Charles admitia que “minhas lembranças desse período vêm e vão”. Boa parte de tempo, Hannah e Charlie, às vezes com Sydney, moraram na Pownall Terrace, 3, na Kennington Road, quase em frente à casa onde os garotos moraram com o pai, embora tenha havido intervalos em que eles ficaram com uma das amigas da mãe, uma senhora religiosa chamada Srta. Taylor, ou com outra amiga menos austera, que era sustentada em Stockwell por um velho militar (embora ela ainda conservasse por perto um outro cavalheiro mais novo).

Por alguma razão, Chaplin sempre teve recordações mais vívidas do sótão do Pownall Terrace do que das muitas casas de sua infância. Talvez seja, simplesmente, porque tenha passado mais tempo lá. Em seu retorno triunfal à Inglaterra, em 1921, ele esteve lá uma noite, em uma peregrinação sentimental. O lugar era, então, ocupado por uma mulher que a guerra tinha tornado viúva, Sra. Reynolds. Ela disse aos repórteres:

Ele disse: “Muitas foram as vezes em que bati minha cabeça no teto e fui repreendido por fazer barulho”. Ele me perguntou onde eu cozinhava, e eu lhe mostrei o fogão. E lhe disse que, se não fosse tão tarde, eu lhe mostraria o sótão. Charlie disse que o conhecia, que tinha se escondido ali muitas vezes e que gostaria de passar a noite ali. Eu lhe respondi que poderia passar até duas, se quisesse, que eu iria para outro lugar.

Um dos cavalheiros, então, disse: “Não é como o seu hotel, Charlie” e ele respondeu: “Esqueça o meu hotel. Este é o meu antigo quarto, onde eu costumava dormir doze anos atrás (*sic*)”. Então eles riram e começaram a conversar e fumar. Ele me perguntou quanto eu pagava de aluguel; eu disse cinco xelins por semana, embora oito anos atrás, quando aluguei o lugar, só custasse meia coroa. Ele disse que pagava três xelins e seis pences quando estava morando lá.<sup>75</sup>

Mais de vinte anos depois, em sua transmissão transatlântica de rádio para a Inglaterra, Chaplin disse:

Embora tenha saído de Lambeth há 35 anos, ainda me lembro do quarto de cima da Pownall Terrace, onde vivi quando garoto. Sempre me lembrarei de subir e descer aqueles três andares de degraus estreitos para me livrar daquela incômoda água servida. Sim, e o Healey, da mercearia da





Chester Street, onde se podia comprar quatorze libras de carvão [pouco mais de seis quilos], um pêni de ervas aromáticas e uma libra [quase meio quilo] de peças de dois pences no açougue da Waghorn; e a mercearia da Ash, onde se comprava um bolo velho de vários tipos por um pêni, com todas as suas surpresas agradáveis e duvidosas.

Sim, eu voltei e visitei aquele quartinho superior da Pownall Terrace, para onde eu tinha de arrastar os seis quilos de carvão e de onde eu tirava a água servida. Estava tudo lá, a mesma Lambeth que eu tinha deixado, a mesma sordidez e a mesma miséria. Agora, me contaram que o Pownall Terrace está em ruínas, destruído pelos alemães.

Lembro das ruas de Lambeth, do New Cut e da Lambeth Walk, da Vauxhall Road. Eram lugares difíceis, e não se pode dizer que fossem banhadas a ouro; no entanto, as pessoas que viviam ali eram feitas de um metal muito bom.

Em um aspecto, Charlie estava mal informado. Não foram os alemães que destruíram Pownall Terrace, mas o desenvolvimento urbano, e não antes de 1966. O lugar ficou abandonado e sem uso por mais de vinte anos.

Depois da infeliz viagem a Nova York, Sydney parece ter permanecido em Londres por mais de dez meses, período em que suas economias devem ter se dissipado. Em 6 de setembro de 1902, ele embarcou no SS Kinfairns Castle, na primeira de quatro viagens do navio do correio. Cada viagem durava sete semanas, com um intervalo de duas semanas em terra. Charlie, que a essa altura tinha desistido completamente da escola, dedicou-se a encontrar modos de ganhar algum dinheiro. Enquanto ainda trazia a braçadeira negra, simbolizando o luto pela morte do pai, ele tentou vender flores nos *pubs* da região de Kennington, com sucesso, porém, apenas temporariamente, já que Hannah não aprovava a iniciativa. Trabalhou como ajudante na barbearia (presumivelmente, para o Sr. Clarke, na Chester Street) e como ajudante na loja de velas. Trabalhou também como ajudante de médico em uma cooperativa chamada Hool and Kinsey-Taylor, na Throgmorton Avenue, 10. Isso deve ter acontecido no início de 1901, porque os médicos se mudaram desse endereço no decorrer do ano.<sup>76</sup> Ele perdeu o emprego porque era muito pequeno para conseguir limpar as janelas, mas os Kinsey-Taylor o empregaram como pajem em sua casa, na Lancaster Gate. Como o próprio Chaplin manifestou, ele poderia ter tido uma longa carreira como mordomo se a Srta. Kinsey-Taylor não o tivesse despedido por vagabundear por aí, improvisando uma corneta dos Alpes com um tubo de descarga. Ele perdeu um emprego junto ao Sr. W. H. Smith quando descobriram que era menor, e durou só um dia em uma fábrica de vidro. Um período com os Strakers, de uma papelaria, alimentando uma enorme prensa Wharfedale parece ter sido um augúrio de suas batalhas contra as





máquinas em *Tempos modernos*. Dois trabalhos particularmente estranhos dessa época parecem ter instigado a imaginação dele. A primeira vez que descreveu seus esforços como vendedor de roupas usadas foi em 1916:

Eu tive a ideia de ganhar algum dinheiro para ajudar os membros da família. Tinha visto os vendedores ambulantes na Petticoat Lane ganhando muito dinheiro, então, revirei a casa inteira, juntando todas as roupas postas de lado que pude encontrar, e corri para a famosa rua, subi em uma caixa e comecei a apregoar minha mercadoria, com aquela voz de menino.

Os pedestres paravam, perplexos, me olhavam por um instante e depois compravam uma peça do meu magro estoque, por piedade. Naquela noite, voltei para casa com um xelim e seis pences, que tinha conseguido durante a tarde. Mesmo sendo tão pouco, aquilo ajudou.<sup>77</sup>

Cinquenta anos depois, sua versão dessa experiência não tinha se alterado substancialmente, com exceção de ter se recordado de que a soma tinha sido só de seis pences, o preço de um par de polainas, que Hannah disse valerem mais. Além disso, em sua autobiografia, Charles mudou o local da aventura de Petticoat Lane (que soava mais pitoresco) para Newington Butts, local mais provável.

Chaplin sempre foi fascinado pelas recordações dos dois escoceses que faziam brinquedos baratos de velhas caixas de sapato, de rolhas de garrafas de vinho, bugigangas e sobras de madeira. Charlie os ajudava no lugar onde trabalhavam, atrás da Kennington Road, e depois começou a vender barcos de brinquedo por sua própria conta. A experiência não durou muito: Hannah não suportou o cheiro da cola e o risco que ela representava enquanto costurava suas blusas. Ele contou a May Reeves, em 1931: “Se eu perdesse tudo na vida e não pudesse mais trabalhar, começaria a fazer brinquedos... Quando eu era criança, fazia pequenos barcos de brinquedos de jornal e os vendia nas ruas para não morrer de fome”. A Srta. Reeves acrescentou: “Quantas vezes ele dizia isso: ‘se eu perdesse tudo o que tenho na vida...’”.<sup>78</sup>

A má sorte ainda não tinha acabado de torpedear os Chaplins. Em 24 de março de 1903, Sydney embarcou na que seria a sua última viagem, no Kinfairns Castle. No começo de maio, Charles ficou sabendo que a mãe estava doente de novo. Ela apresentava uma crescente indiferença, parecendo não se preocupar quando a loja, que a tratava como uma escrava, parou de lhe mandar as camisas e pegou de volta a máquina de costura. Ela começou a negligenciar os cuidados com o quartinho onde viviam. Na terça-feira, 5 de maio, Charlie chegou e outras crianças o avisaram, na porta de casa, que ela tinha enlouquecido. Ele teve de levá-la ao hospital na Renfrew Road e depois, como o parente mais próximo, reportar o caso





às autoridades. Charlie só tinha quatorze anos. A certidão médica diz: “Charles Chaplin, filho, Pownall Terrace, Kennington Road, declara que ela fica mencionando pessoas que já morreram, fantasiando que pode vê-los através da janela e fala com pessoas imaginárias, entra nos aposentos de estranhos etc.”. A deliciosa diversão de Hannah à janela tinha passado ao terreno da loucura.<sup>79</sup>

Charlie se recordava de ter sido atendido no hospital por um médico gentil e jovem. Provavelmente, era o Dr. M. H. Quarry, que examinou Hannah: “ela é muito barulhenta e incoerente, ora reza, ora pragueja — gritando e chorando. Diz que o chão é o Rio Jordão e que ela não consegue atravessá-lo. Às vezes, é violenta e destrutiva”. O oficial da recepção declarou que ela era um perigo para os outros, porque era inclinada a bater nas pessoas. Depois de entrevistar Charlie, ele registrou na documentação de Hannah que não se sabia se algum parente tinha sido afetado por loucura, o que parece confirmar que Hannah conseguiu esconder dos filhos a questão da certificação [de loucura] da avó Hill. Aqui, mais uma vez, a ocupação de Hannah aparece nos seus documentos como maquinista e, novamente, mesmo sob tais circunstâncias, ela teve a presença de espírito de diminuir cinco anos da idade, que foi registrada como 33 anos. Na verdade, ela beirava os 38 anos.

O Dr. Quarry perguntou a Charlie o que ele iria fazer; aterrorizado pela possibilidade de ser mandado de volta à Norwood, respondeu rapidamente que ia viver com uma tia. Na verdade, há alguma evidência de que ele tenha ficado com a tia Kate durante alguns curtos intervalos; mas, nessa ocasião, ele voltou para o Pownall Terrace, 3, para aguardar a volta de Sydney. A autobiografia descreve eloquentemente a miséria e a angústia desses dias, de como chorou na solidão do desgraçado e, agora, solitário quartinho, e a gentileza da senhoria, que lhe permitiu ficar ali e lhe deu comida quando ele não estava orgulhoso ou tímido demais para pedir. Seis dias depois de dar entrada no hospital, Hannah foi mandada de volta para o Cane Hill Asylum. Dessa vez, ela ficaria lá por quase oito meses.

Sydney voltou à Inglaterra em 9 de maio, mas seu retorno a Londres parece ter sido postergado (Chaplin acreditava que isso aconteceu porque estava voltando da viagem em que Sydney adoeceu, mas isso não é corroborado pelos documentos pessoais do irmão). Enquanto esperava pela volta de Sydney, Charlie se lembra de ter feito amizade com alguns cortadores de lenha, que também trabalhavam nas ruas estreitas perto da Kennington Road. Um deles o convidou para um lugar na galeria do South London Music Hall, na London Road, em Lambeth. O número principal era *Early Birds*, de Fred Karno. Esse foi o primeiro contato de Charles com a companhia em que alcançaria a fama.

Sydney finalmente voltou para casa, e Charlie pôde conversar sobre suas aflições. Eles foram ao Cane Hill visitar Hannah e ficaram chocados com sua aparência doentia. Charlie ficou profundamente perturbado com a reprovação dela: “Se ao menos você tivesse me dado uma xícara de chá naquela tarde, tudo estaria



bem agora”. Sydney declarou que tinha retornando à casa para sempre. Ele havia economizado dinheiro bastante para os próximos meses e estava determinado a voltar ao palco. Era uma ambição que seu irmão mais novo compartilhava. Muitos anos depois, ele diria ao filho (um terceiro Charles Chaplin):

Mesmo quando estava no orfanato, quando perambulava pelas ruas tentando achar o que comer para conseguir sobreviver, mesmo nesses dias eu pensava em mim mesmo como o maior ator do mundo. Eu tinha de sentir essa exuberância que vinha da profunda confiança em mim mesmo. Sem isso eu teria sido derrotado.<sup>80</sup>

1. Facts indicating Insanity observed by myself at the time of examination, viz: *The is very noisy and unquiet praying screaming, & singing - crying & shouting - He sees the floor is the River Jordan and he cannot cross it at times. Violent and destructive*

2. Other facts (if any) indicating Insanity communicated to me by others: *Charles Chaplin son of 3 Poronah Terrace, Hemingford Road states she keeps on berating a lot of people who are dead and families then can see them looking out of the window and talking to themselves. I give this certificate having first read the section of the Act of Parliament printed below. people - going into stranger's rooms, etc.*

Signed, Name *W. H. Quarry*  
 Place of Abode *Lambeth, Surrey*

Dated this *9<sup>th</sup>* day of *May*, 1903.

1. Names, residences, and occupations of relatives; also state how far each is able to contribute.

1903 –Trecho da *Order for the Reception of a Pauper Lunatic* [Ordem de recebimento de doente mental pobre] referindo-se à Hannah Chaplin, 9 de maio de 1903, incluindo o relato dado ao Dr. Quarry, por Charles Chaplin, então com quatorze anos de idade.